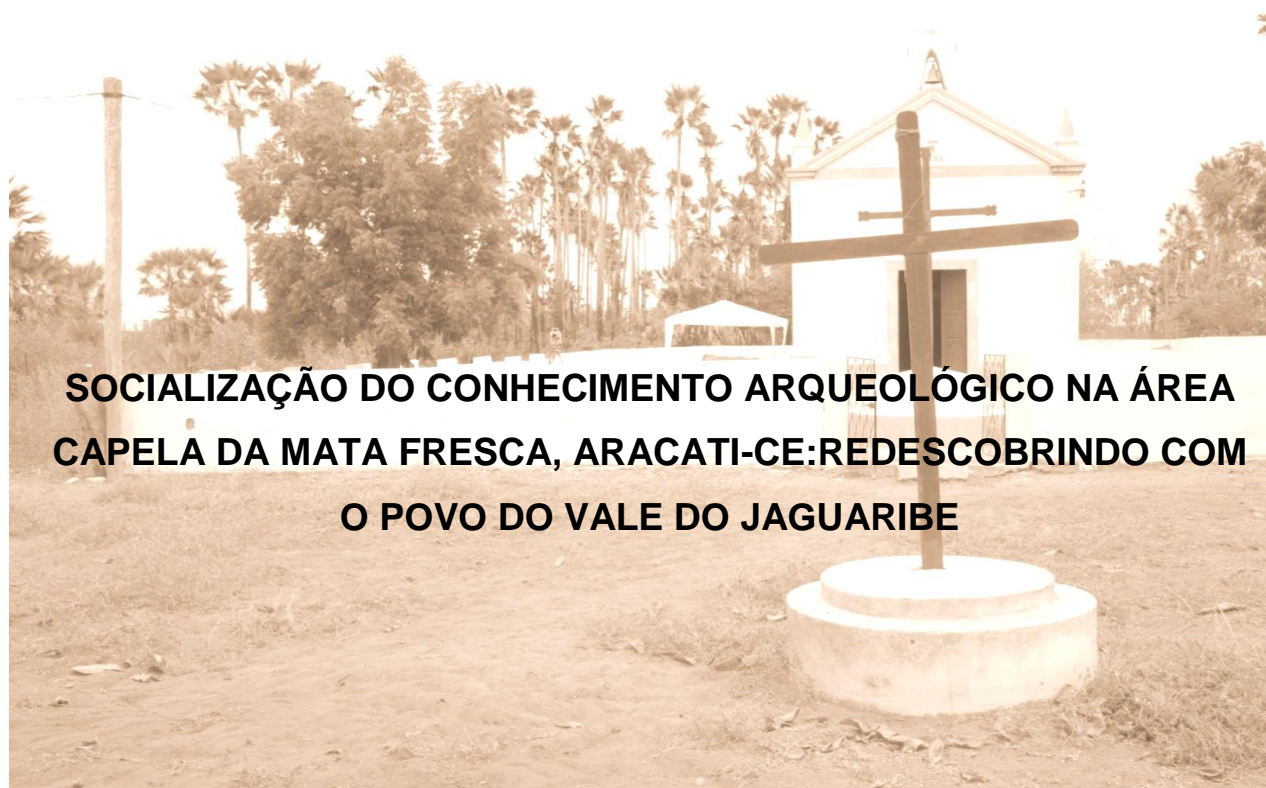


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E PÓS – GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PÓS - GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA (PPGArq)**

DUCILENE MARIA PINHEIRO DE ARAGÃO



**SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO NA ÁREA
CAPELA DA MATA FRESCA, ARACATI-CE: REDESCOBRINDO COM
O POVO DO VALE DO JAGUARIBE**

**Teresina
2015**

DUCILENE MARIA PINHEIRO DE ARAGÃO

SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO NA ÁREA DA
CAPELA DA MATA FRESCA, ARACATI-CE: REDESCOBRINDO COM O POVO DO
VALE DO JAGUARIBE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Centro de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva

Teresina
2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

A659s Aragão, Ducilene Maria Pinheiro de.
Socialização do conhecimento arqueológico na área
da Capela da Mata Fresca, Aracati-CE: redescobrimo
com o povo do Vale do Jaguaribe / Ducilene Maria
Pinheiro de Aragão. – 2015.

113 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) –
Universidade Federal do Piauí, 2015.

Orientação: Prof. Dr. Abrahão Sanderson Nunes
Fernandes da Silva.

1. Arqueologia Pública. 2. Educação Patrimonial. 3.
Patrimônio. I. Título.

CDD 110

DUCILENE MARIA PINHEIRO DE ARAGÃO

**SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO NA ÁREA
DA CAPELA DA MATA FRESCA, ARACATI-CE: REDESCOBRINDO
COM O POVO DO VALE DO JAGUARIBE**

Dissertação submetida à avaliação da banca abaixo-listada, como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Arqueologia, do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, da Universidade Federal do Piauí.

Aprovada em 06 de Abril de 2015, pela Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Piauí – PPGARQ

Prof^a.Dr^a. Marcélia Marques do Nascimento
Universidade Estadual do Ceará -
(Membro Externo)

Prof^a.Dr^a. Andrea Lourdes Monteiro Scabello
Universidade Federal do Piauí – PPGEQ
(Membro Externo)

Prof^a.Dr^a. Joina Freitas Borges
Universidade Federal do Piauí - PPGARQ
(Membro Interno)

Prof^a.Dr^a. Sônia Maria Campelo Magalhães
Universidade Federal do Piauí - PPGARQ
(Membro Interno)

Teresina
2015

Há toda uma raça de juízes, e a história do pensamento confunde-se com a de um tribunal; ela se vale de um tribunal da Razão pura, ou então da Fé pura... Por isso muitas pessoas falam com tanta facilidade em nome e no lugar dos outros, e gostam tanto das questões, sabem colocá-las e respondê-las tão bem. Há também aqueles que pedem para ser juízes, mesmo que só para não serem reconhecidos culpados. Na justiça, valem-se de uma conformidade, mesmo se às regras que se inventam, a uma transcendência que se pretende revelar ou a sentimentos que os impelem. A justiça, a justeza são idéias ruins. A elas, opor a fórmula de Godard: não uma imagem justa, apenas uma imagem. É a mesma coisa em filosofia, em um filme ou em uma canção: nada de idéias justas, apenas idéias.

(DELEUZE; PARNET, 1998)

Aos amigos, familiares e a todos os professores que tive.

AGRADECIMENTOS

Provavelmente não conseguirei me reportar a todas as pessoas que colaboraram de alguma forma com o desenvolvimento deste trabalho desafiador, porém gratificante. Mas “uma andorinha só não faz verão” e este resultado não se deve somente ao meu empenho. Por isso, tentarei fazer com que minhas palavras contemplem os que impulsionaram o desenvolvimento desta trama.

Mesmo com todas as narrativas céticas que eu pudesse fazer, seria contraditório não relevar a existência de uma força que creio ser a inteligência que chamam de espírito, Deus ou Deuses, nem tanto o destino, que me levou ao processo de trabalho que hoje apresento como dissertação. Gratidão aos espíritos de luz.

Minha família: minha mãe Antônia, irmãos Marcos e Dulcília, sobrinho Gabriel, Ana, Francisca, Jorge e Daniel, meus tios e tias queridos, meus eternos agradecimentos. Todas as experiências pessoais compartilhadas serviram aos propósitos do traquejo necessário para a vida e também para o desenvolvimento deste trabalho.

Gratidão aos amigos queridos que longe ou perto nunca me fizeram duvidar que estavam comigo. Muito afeto e gratidão à amiga Karol Rodrigues e ao pequeno Heitor pela purificação que sentimos quando compartilhamos momentos e pelas prazerosas horas de contemplação da natureza no Parque Ambiental.

Pelo fim desta etapa que muito representa em minha vida, agradeço a professora Andrea Scabello pela constante solicitude e por dedicar tempo e atenção às demandas de uma mestranda aflita, jamais esquecerei seus conselhos que serão uteis em todos os setores da vida.

Gratidão ao meu orientador Abrahão Sanderson por toda a atenção a mim dedicada e pelas críticas e sugestões que sei que foram feitas com o intuito de melhorar este e outros estudos e pesquisas.

Aos programas de Graduação e Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, bem como aos professores que os compõem: Muito obrigada!

Meus sinceros agradecimentos à empresa Arqueosocio representadas por

Luis Mafrense e Vinicius Franco, e ao jovem mestre arqueólogo que muito admiro Thalison Santos.

Fico agradecida por todos os esclarecimentos que foram feitos quando telefonei para alguns colegas arqueólogos em dúvida sobre a melhor maneira de proceder em campo.

Os caminhos que segui para chegar ao Ceará e à Mata Fresca parecem ter me aproximado da oportunidade que justificou meus anos de estudo desde a graduação até os dias atuais: meses em campo com a comunidade. Sempre procuro uma forma de interligar este universo acadêmico que parece tão distinto do senso comum com as pessoas que circulam nas ruas, nos centros, parques, shoppings, escolas de centros urbanos e rurais e, com a experiência que tive neste trabalho, pude perceber o quanto é válido levar aos públicos o que vi e ouvi nos anos de graduação. E o resultado é que hoje percebo que aprendi muito mais do que me propus a ensinar e trago comigo muito mais do que carregava quando cheguei à Mata Fresca.

Eis aqui uma grande experiência que tive com a interação de comunidades e a ciência arqueológica, mas muito mais que isso: a experiência que compartilhei com pessoas. Aprendi muito e ainda tenho muito a aprender, este é o sentido da vida.

Agradeço aos amigos que fiz na comunidade Mata Fresca onde comigo dividiram os bens mais preciosos da vida. Ofereceram-me lar, comida, água e afeto.

Aos bolsistas auxiliares de pesquisa fico agradecida e lisonjeada de saber que participei de um momento que de forma unânime foi aclamado como importante na vida de vocês. Queria que soubessem que foram muito mais importantes na minha vida, muito obrigada!

RESUMO

Neste trabalho buscou-se compreender a amplitude que os estudos de Arqueologia podem ter em contextos de sítios históricos nos quais haja a coexistência de práticas religiosas do presente com as políticas públicas voltadas para a conservação de sítios arqueológicos, especificamente no caso da Capela Nossa Senhora da Soledade ou Capela da Mata Fresca, Aracati-CE. A referida capela passou pela etapa de escavação arqueológica que serviu como medida preliminar ao projeto de restauro da mesma. O sítio em questão é repleto de ressignificações religiosas por se tratar de um marco cristão importante para os moradores das regiões correspondentes ao Vale do Jaguaribe, especificamente os da comunidade Mata Fresca que participaram da escavação e contribuíram para as discussões sobre o papel público da Arqueologia e as alternativas de divulgação científicas mais eficazes, fazendo emergir uma relação entre ciência arqueológica e comunidade que favorece a conservação do sítio. Ainda são explanadas questões teóricas sobre Arqueologia e sociedade que direcionam o trabalho desde a primeira intervenção no sítio, realizada em julho de 2014.

Palavras-Chave: Arqueologia Pública – Educação Patrimonial – Patrimônio.

ABSTRACT

In this study we sought to understand the extent that studies of Archaeology may have on historic sites contexts in which there is the coexistence of religious practices of this with the public policies for the conservation of archaeological sites, specifically in the case of Our Lady of the Chapel solitude or Chapel of the Fresh Kills, Aracati-CE. That chapel went through archaeological excavation stage that served as a preliminary measure to restore the same project. The site in question is full of religious reinterpretation because it is an important milestone for the Christian residents of the regions corresponding to the Jaguaribe Valley, specifically the Fresh Kills community who participated in the excavation and contributed to the discussions on the public role of Archaeology and the most effective scientific dissemination of alternative, giving rise to a relationship between archaeological science and community that favors the conservation of the site. Walks are explained theoretical questions about Archaeology and society that guides work from the first intervention on the site, held in July 2014.

Keywords: Public Archaeology – Patrimonial Education – Patrimony

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2 ABORDAGENS PRELIMINARES SOBRE AS QUESTÕES PÚBLICAS DA ARQUEOLOGIA: O CASO DA MATA FRESCA	4
2.1 Estratégias para a Socialização do Conhecimento Arqueológico na Área da Capela da Mata Fresca	10
2.2 Povoamento da Mata Fresca: A História da Capela Nossa Senhora da Soledade e sua importância no Vale do Jaguaribe	15
2.3 A capela Nossa Senhora da Soledade da Mata Fresca	21
3. O PROJETO ESCAVAÇÃO NA CAPELA DA MATA FRESCA	28
3.1 Praticando Arqueologia na Mata Fresca	38
3.2 Elaboração das oficinas de Educação Patrimonial: Hora de “pôr a mão na massa”	58
3.3 Criando, discutindo conceitos e aprendendo: Como posso contar minha história?	65
4. REDESCOBRINDO A CAPELA DA MATA FRESCA	76
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
ANEXOS	
Anexo A	110
Anexo B	111
Anexo C	124

LISTA DE FOTOS

Foto 1- Capela da Mata Fresca	15
Foto 2- Oficina de Topografia direcionada à comunidade	40
Foto 3-Oficina de Topografia direcionada à comunidade	40
Foto 4- Plantio de ervas medicinais	42
Foto 5- Apresentação de atividades realizadas no local	42
Foto 6- Visita à biblioteca da Estação Ambiental	42
Foto 7-Início da escavação	43
Foto 8- Início da escavação	43
Foto 9- Processo de escavação	44
Foto10- Início das escavações nas quadrículas K3 e L3	44
Foto 11- Início das escavações	45
Foto 12-Início das escavações	45
Foto 13- Início das escavações	46
Foto 14- Início das escavações	46
Foto 15- Separação do material por categoria	47
Foto 16- Limpeza do material	53
Foto 17- Numeração do material	54
Foto 18-Processo de numeração do material	54
Foto 19- Visita de moradores de comunidades vizinhas à área de escavação	55
Foto 20- Apresentação do material na escolinha do Gravié	56
Foto 21- Escolinha do Gravié em visita guiada à área de escavação	56
Foto 22- Planejamento das oficinas pedagógicas	64
Foto 23- Planejamento das oficinas pedagógicas	65
Foto 24- Planejamento das oficinas pedagógicas	66
Foto 25- Criação dos sítios simulados	66
Foto 26- Criação dos sítios simulados	67
Foto 27- Criação dos sítios simulados	67
Foto 28- Representação de sítio arqueológico	68
Foto 29- Apresentação de slides na Unid. Escolar Carlota Tavares- Ibicuitba/CE...	68
Foto 30- Oficinas de corte e colagem	69
Foto 31- Oficinas de corte e colagem	69
Foto 32- Oficinas de corte e colagem	70

Foto 33- Oficinas de corte e colagem	70
Foto 34- Oficinas de desenho	71
Foto 35- Apresentação de trabalhos na oficina criativa	71
Foto 36- Oficina de escavação	72
Foto 37- Apresentação de slides na escola de Cacimba Funda	72
Foto 38- Apresentação de slides na escola de Cacimba Funda	73
Foto 39- Luciélío orientando a escavação no sítio simulado durante oficina no povoado de Melancias	73
Foto 40- Luciélío orientando a escavação no sítio simulado durante oficina no povoado de Melancias	74
Foto 41- Quadrícula K2	74
Foto 42- Esqueleto infantil na quadrícula K2	75
Foto 43- Esqueleto infantil na quadrícula K2	76
Foto 44- Vestígios da quadrícula K4 na parte interna da capela	77
Foto 45- Crânio de esqueleto infantil	77
Foto 46- Crânio de esqueleto infantil	78
Foto 47- Escavação da quadrícula K3	79
Foto 48- Disposição de esqueleto adulto na quadrícula K3	79
Foto 49- Esqueleto adulto na quadrícula K3	80
Foto 50- Quadrícula K3	81
Foto 51- Reunião com a comunidade	81
Foto 52- Reunião com a comunidade	82
Foto 53- Identificação e inventário de esqueleto infantil.....	82
Foto 54- Processo de identificação e inventário de esqueleto infantil	83
Foto 55- Esqueleto adulto na K3	85
Foto-56- Identificação e inventário de esqueleto infantil	86
Foto-57- Esqueleto adulto na quadrícula K3	86
Foto-58- Entrevistando o senhor Sérgio	89
Foto-59- Entrevistando o senhor Sérgio	89
Foto- 60- Divulgação da pesquisa na rádio educativa de Icapuí	91
Foto- 61-Divulgação da pesquisa na rádio educativa de Icapuí	92
Foto- 62- Divulgação da pesquisa na rádio educativa de Icapuí	92

LISTA DE QUADROS

Quadro1- Código de ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB	7
Quadro 2- Modelos gerais de atuação dos arqueólogos na campo da arqueologia pública	11
Quadro 3- Proprietários de Terras na Região da Mata Fresca	20
Quadro 4 - Objetivos, etapas, recursos e atividades do método da Educação Patrimonial (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999)	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Planta baixa do planejamento preliminar de distribuição das quadriculas	32
Figura-2: Ciclo representando os públicos que se pretendia alcançar	38
Figura 3: Planta baixa do planejamento preliminar de distribuição das quadriculas	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ficha de controle estratigráfico	34
Tabela 2: Etiqueta de material coletado	34
Tabela 3: Ficha topográfica	35
Tabela 4: Quadriculas escavadas	49
Tabela 5: Material coletado	51

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada no âmbito do projeto de restauração da Capela Nossa Senhora da Soledade que teve início no mês de julho de 2014. Meu envolvimento com este estudo se deu por meio do convite feito pela *Arqueosocio Consultoria em Arqueologia e Sociologia*, empresa que atendeu a solicitação da Superintendência do IPHAN-CE, e cujo corpo técnico será responsável pela execução do restauro. Durante o desenvolvimento da escavação e das pesquisas em campo foi recuperada uma grande quantidade de material arqueológico que, até a análise e posterior devolução à comunidade, está sob a guarda do Instituto Tembetá, Fortaleza-CE.

Logo após a titulação de Bacharel em Arqueologia procurei continuar a desenvolver estudos que correspondessem às perspectivas dos outros projetos que havia participado anteriormente. Projetos estes, que envolviam sítios arqueológicos e a cultura material deles provenientes, e as relações de ressignificação atribuídas a elas por pessoas que viviam nos entornos ou mesmo que coexistiam dentro dos sítios estabelecendo vínculos de identidade embutidos em práticas cotidianas, elaborando diretrizes que viabilizassem o diálogo desses sujeitos com outros segmentos como secretarias de educação e prefeituras.

Neste sentido, o presente estudo objetivou analisar o potencial que a Arqueologia Pública pode ter em comunidades rurais que vivem próximas a sítios arqueológicos. Neste caso específico, abordaremos os resultados com as comunidades próximas à Capela da Mata Fresca, Aracati-CE ou Capela Nossa Senhora da Soledade, e o quanto os moradores se tornaram agentes fundamentais na conservação do sítio setecentista e mediadores na comunicação com outros públicos.

Em meados de 2014 realizou-se a etapa de campo do “*Projeto de Escavação Arqueológica da Capela de Nossa Senhora da Soledade, Mata Fresca – Aracati – Ceará*” e os pontos que se pretende investigar correspondem às pessoas diretamente envolvidas na relação de memória e identidade com o sítio arqueológico que participaram da escavação e as solicitações de políticas públicas de conservação fomentadas por eles mesmos.

Entrando no contexto científico da arqueologia, percebemos que quando se trata da relação de memória e identidade dos públicos com os sítios que são

tombados, há uma emergência para que a relação das pessoas com os lugares seja feita de forma rápida e eficaz. No entanto, a memória afetiva e seus respectivos efeitos não dependem da institucionalização referente ao que se pretende conservar. E nem sempre esta institucionalização garante o usufruto dos bens em questão ou mesmo a conservação dos mesmos.

É interessante notar que quando tratamos da memória afetiva e do patrimônio institucionalizado pensando na condição de tombamento como garantia de vínculo efetivo, estamos induzindo os sujeitos a uma tendência que não deveria existir no processo de apropriação de um bem para ser considerado referência de identidade de um povo. Os critérios estabelecidos neste processo, por vezes, não correspondem à realidade específica de cada comunidade ou público a quem este patrimônio deveria contemplar.

Embora houvessem moradores da comunidade envolvidos no projeto, durante a etapa de escavação percebeu-se o quanto a divulgação científica deveria ser ampliada. Buscamos, desta maneira, associar as práticas educativas que estavam sendo desenvolvidas em parceria com os moradores da comunidade, que foram auxiliares de pesquisa, aos outros segmentos sociais que não participaram diretamente do processo de escavação. Por isso, foi seguida uma metodologia paralela que envolvia ações de Educação Patrimonial, e pretendeu chegar aos seguintes objetivos:

- *Reforçar as vias de diálogo entre públicos e equipe técnica;*
- *Visitar o maior número de comunidades que fosse possível e que tivesse algum tipo de relação de memória e identidade com a capela para entrar em acordo sobre o uso provisório do espaço;*
- *Ampliar a divulgação do projeto de escavação da Capela da Mata Fresca para aperfeiçoar o relacionamento entre a pesquisa e os rituais populares;*
- *Estimular a participação popular em pesquisas de levantamento bibliográfico que constará no memorial com o acervo da Capela da Mata Fresca.*

Os protagonistas do processo que se desenvolveu foram os jovens da comunidade que realizaram pesquisas e outros tipos de levantamentos sobre os procedimentos que deveriam ser adotados para atingir as prefeituras e secretarias, possibilitando uma interação que beneficia a conservação da capela após as etapas de escavação e restauro.

O resultado é fruto da iniciativa de trabalho da equipe de arqueologia, da

colaboração dos que residiam no entorno da capela e do estímulo positivo que os resultados preliminares causaram nos meses em que a pesquisa foi desenvolvida.

Como forma de divulgar as informações, os moradores participaram com a equipe de arqueologia de reuniões com coordenadores pedagógicos, elaboração e aplicação de oficinas educativas, diálogo com pais de alunos, universidades, gestores públicos e rádio.

A ideia seria a criação de um memorial dentro da comunidade no qual conste o acervo da escavação e os visitantes possam ter acesso aos resultados das pesquisas de levantamento sobre genealogia que começaram a ser desenvolvidas em concomitância com a escavação.

O primeiro capítulo deste trabalho trata das discussões feitas em torno do conceito de socialização do conhecimento arqueológico e dos efeitos da abordagem em distintos públicos, especificamente as comunidades, escolas e prefeituras que se relacionam de alguma forma com a capela.

O segundo capítulo refere-se à atuação em campo no referido contexto. Abordamos aqui os métodos e a recepção dos mesmos por parte dos bolsistas no sítio arqueológico desde a etapa da escavação até as ações educativas nas escolas.

No terceiro capítulo pretendeu-se expor a forma como os resultados parciais da pesquisa foram apropriados e interpretados pelos membros da comunidade e como esta apropriação favoreceu o mergulho na história e, principalmente, nas questões relacionadas à genealogia.

2. CAPÍTULO I: ABORDAGENS PRELIMINARES SOBRE AS QUESTÕES PÚBLICAS DA ARQUEOLOGIA: O CASO DA MATA FRESCA

*“O discurso do patrimônio essencializa a sacralização do passado e seus testemunhos materiais; os moradores, por sua vez, sacralizam o passado ao ressignificar “lugares e coisas” em suas vidas cotidianas.”
(Bezerra, 2011).*

Neste capítulo serão feitas algumas considerações sobre o surgimento do conceito de Arqueologia Pública e as eficácias de ações voltadas para a socialização do conhecimento arqueológico com públicos diferenciados.

Apesar de iniciativas precursoras como as de Paulo Duarte, Castro Faria e Loureiro Fernandes (ALCÂNTARA, 2007), que ajudaram a estabelecer uma legislação que abarca a proteção do patrimônio arqueológico e considera a responsabilidade ética dos profissionais com a sociedade em geral, a exemplo do processo de tramitação do projeto de lei n 3924, a realidade do cenário em que se desenvolvem projetos de Arqueologia no Brasil é distinta e, por vezes, confere às comunidades próximas aos sítios um papel secundário.

Embora o Brasil disponha de respaldo na Constituição que, em tese, protege o patrimônio arqueológico e garante o usufruto coletivo e acesso a pesquisas deles provenientes bem como dos acervos de museus que guardem a cultura material vinda de pesquisas, na prática o cumprimento da legislação nem sempre acontece, fazendo com que a arqueologia apareça no cenário cultural assumindo papel de coadjuvante (BRUNO, 1995; SILVA, 2008).

Portanto, as atribuições públicas que seriam inerentes à prática arqueológica em território nacional, por vezes, são negligenciadas levando a reflexões sobre a *práxis* da “PublicArchaeology”¹ como alternativa na ampliação de pesquisas que abarquem pessoas que não tenham ligação direta com a comunidade acadêmica.

Antes de fundamentar a investigação que este estudo propõe, será de grande valia considerar que, para chegar ao que entendemos hoje como Arqueologia Pública (AP), precisamos entender a necessidade que, primordialmente, passa por todas as ciências: a socialização do conhecimento acadêmico. Esta socialização requer a aproximação, ou reaproximação com a sociedade de forma geral.

¹ O termo “PublicArchaeology” é título da obra de Charles McGimsey que versa sobre a depredação de sítios arqueológicos, voltando a responsabilidade da conservação dos mesmos à esfera da administração pública.

O distanciamento com que hoje nos deparamos vem do entendimento que construímos sobre o conceito de ciência que parece nos levar a acreditar que há algo de antagônico na forma de interpretar os fatos(LAKATOS, 2010).

A princípio, os enfoques das pesquisas arqueológicas estavam atrelados a interpretações histórico-culturalistas que priorizavam o objeto pelo objeto, a cultura material sem relações com os sistemas de símbolos e significados que caracterizam as relações humanas em quaisquer esferas. Esta maneira de lidar com os fatos sociais e a cultura material deles provenientes levou uma inquietação sobre o cenário vigente na Arqueologia. Isto, claro, instigou a crítica.

Posteriormente, observa-se a necessidade de inferir associações do objeto com a cultura de quem o produziu, segue-se ao que, em Arqueologia, diferencia o histórico-culturalismo do processualismo. No entanto, interpretações processualistas, embora teórica e metodologicamente muito bem embasadas, ainda estavam ligadas, em alguns casos e mesmo que sutilmente, a pressupostos deterministas.

Foi o arqueólogo inglês Ian Hodder um dos pioneiros nas investigações Pós-Processualistas na década de oitenta e tais investigações são fundamentadas nas correntes teórico-metodológicas estruturalista, marxista e interpretativista para a Arqueologia, correntes estas que também se ramificaram de outras ciências e que, no caso do estruturalismo e do marxismo, também estão presentes em outros paradigmas da arqueologia.

As influências de outras ciências na formação da Arqueologia favoreceram as pesquisas tanto nacionais quanto internacionais, auxiliando e fazendo descortinar questões que já haviam sido tidas com resolvidas. Alguns pontos de vista foram revistos, fazendo com que novas abordagens fossem avaliadas com o intuito de melhorias ao sistema vigente. Entendendo que, como certa vez Gilles Deleuze refere-se a Nietzsche, seria necessário propor-se precisamente a manejar o elemento diferencial como crítico e criador, como um martelo (DELEUZE, 1976) voltando-se, assim, para o crescimento que o impacto da inquietação na ciência pode proporcionar. Algo saudável quando nos referimos à ciência, a qual somente faz sentido enquanto o debate puder ser feito.

O conceito de Arqueologia Pública foi consagrado pelo arqueólogo norte-americano e professor de Antropologia da Universidade de Lousiana, Charles McGimsey na obra *Public Archaeology*(1972), que foi considerada o marco do novo campo que surgia (MERRIMAN, 2004, p.3). Neste sentido aparecem os primeiros

debates, mesmo insipientes sobre a nova perspectiva:

As preocupações sobre a administração pública estavam atreladas principalmente ao reconhecimento do papel social da pesquisa científica, que para além de gerar curiosidade, possibilitasse 'reconstruir' aspectos significantes da história da ocupação humana em território americano em benefício público. Assim, a responsabilidade social e profissional da Arqueologia remete a existência de questões dentro da mesma que vão além de problemas teóricos e metodológicos. Estes temas podem ser considerados questões públicas da Arqueologia, pois estariam situados na interface da Arqueologia com a sociedade. Ambas possuem interesses convergentes e divergentes, visto que a sociedade é formada por um conjunto de indivíduos que estão agrupados ou podem ser reunidos em inúmeros segmentos específicos (ex. faixa etária, classe social, grupo profissional, local de moradia, etc.). A partir desta compreensão, a disciplina dialoga não com a sociedade como um todo, mas com diferentes públicos. É nesse diálogo que se explicitam os comprazeres de ambas as partes e a comunidade arqueológica, por sua vez, busca nessa intervenção alcançar seus interesses (FERNANDES, 2007, p. 6).

Atualmente constatamos que as reflexões sobre as relações entre a arqueologia e comunidades se desenvolvem de maneira crescente há algumas décadas e existem registros de pesquisas nas quais antes mesmo do termo "arqueologia pública" ter sido usado por McGimsey (1972), já haviam arqueólogos atuando na socialização de pesquisas acadêmicas com distintos segmentos da sociedade (CARVALHO e MENESES, 2011, p. 2).

Podemos citar como representantes destes pioneiros o Cavaleiro do Império Britânico Mortimer Wheeler, que se dedicava a um programa de rádio e televisão sobre Arqueologia nos anos de 1950, ou mesmo, no campo nacional, Paulo Duarte, que ministrava palestras e cursos de introdução à arqueologia para o amplo público (Backx, 2013). É bastante claro, todavia, que a percepção que esses autores tinham sobre a própria ciência e sobre a necessidade de divulgá-la estava vinculada a uma perspectiva que o arqueólogo e professor da Universidade de Lund, na Suécia, Cornelius Holtorf, poderia definir como um misto entre educacional e relações públicas (2007); afinal, a verdadeira arqueologia estaria sendo transmitida para que o público fosse instruído sobre essa ciência. E, para ambos os exemplos citados, Wheeler e Duarte, a ciência arqueológica tinha um papel fundamental para a consolidação da civilidade. Dentro desta proposta, era necessário divulgar e instruir os leigos. Décadas se passaram, mais do que movimentos epistemológicos na ciência arqueológica, assistimos a luta dos movimentos sociais relacionados aos direitos civis, as questões de gênero, ao anti-imperialismo, entre outros que ganharam força e cujas reivindicações ecoam até a atualidade. Com isso, as figuras de autoridade, supostamente detentoras de poder e conhecimento inquestionáveis, foram colocadas em dúvida por diferentes atores sociais.

No Brasil, o controle da atuação dos profissionais está previsto não apenas na legislação vigente, mas em alguns códigos de ética institucionais. Geralmente, essas

diretrizes são referentes ao desempenho dos arqueólogos e estimulam iniciativas que se conectem a educação e formação de sujeitos atuantes nas questões relativas à preservação ou conservação de sítios arqueológicos.

A seguir, o código de ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira que, sobre os compromissos dos arqueólogos com a sociedade em geral, versa a respeito de questões como a legitimidade e o direito dos grupos étnicos:

Quadro-1: Código de ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB

CÓDIGO DE ÉTICA E	
<p>O presente código de ética foi discutido e aprovado em Assembléia Geral da Sociedade ocorrida na VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, realizada em Porto Alegre, em 1995. A versão final deste código foi aprovada também em Assembléia Geral em 1997.</p>	
<p>SÃO DIREITOS DOS ARQUEÓLOGOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O direito ao pleno exercício da pesquisa e acesso às fontes de dados, bem como à liberdade no que se refere à temática, à metodologia e ao objeto de investigação. - O direito de autoria sobre os projetos e resultados de suas pesquisas, mesmo quando executados a serviço de órgãos públicos ou privados. - O direito à proteção contra a utilização indevida de projetos e resultados de pesquisas, sem a necessária autorização ou citação. - O direito de se recusar a participar de trabalhos que contrariem seus princípios morais, éticos, religiosos ou científicos.
<p>SÃO COMPROMISSOS DOS ARQUEÓLOGOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Com o seu objeto de estudo: <ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar para a preservação do registro arqueológico, aí entendidos áreas, sítios, coleções e documentos em geral. • Empreender intervenções que afetem o registro arqueológico apenas sob condições que assegurem a produção de resultados satisfatórios do ponto de vista científico. • Limitar as intervenções ao estritamente necessário, de modo a assegurar, tanto quanto possível e conveniente, a conservação dos testemunhos arqueológicos para gerações futuras. • Desestimular qualquer forma de comercialização de bens arqueológicos móveis. Não emitir pareceres, autenticações, laudos, perícias, avaliações ou declarações que possam instrumentalizar qualquer tipo de prática comercial.

	<p>- Com a sociedade em geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer como legítimos os direitos dos grupos étnicos investigados à herança cultural de seus antepassados, bem como aos seus restos funerários, e atendê-los em suas reivindicações, uma vez comprovada sua ancestralidade. • Colocar o conhecimento produzido à disposição das comunidades locais, dos colegas e do público em geral. • Respeitar o interesse e os direitos das comunidades sobre o patrimônio arqueológico, atuando, sempre que possível, para a permanência dos acervos em seus locais de origem. <p>- Com os colegas de profissão:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dar os devidos créditos de autoria ao utilizar dados e/ou idéias de outros profissionais, quer publicados, quer transmitidos em confiança, como informação pessoal. • Não omitir informações relevantes para a produção do conhecimento científico. • Facilitar o acesso às coleções e respectiva documentação sob seus cuidados, ressalvados os interesses da própria pesquisa em andamento e os casos previstos anteriormente. • Não atingir, falsa ou maliciosamente, a reputação de outro arqueólogo. • Notificar as violações a este código às autoridades competentes.
--	--

Fonte: FERNANDES, 2007.

Como visto acima, o exercício da cidadania no que se refere à relação da academia com os grupos envolvidos direta ou indiretamente com os sítios estudados não é novidade. No entanto, mais do que uma questão de retorno de pesquisas à sociedade, seria necessário atentar às demandas individuais de cada contexto no qual estão inseridas as pesquisas de arqueologia, e atuar de maneira que os sujeitos em questão fossem participantes deste processo, desobstruindo as vias de acesso dos mesmos até as tomadas de decisões na gestão pública.

Sobre os procedimentos que deviam ser adotados por profissionais arqueólogos ainda foram feitas outras diretrizes que compõem listas de recomendações para alcançar a meta da gestão participativa nos recursos arqueológicos e que, conseqüentemente, facilitam o controle sobre quebra de conduta ética e profissional. A exemplo, o Código de princípios éticos da *Society for American Archaeology (SSA)* que dispõe de alguns princípios como gestão,

responsabilidade social, educação, publicação, registros e preservação, e ensino e pesquisa (FERNANDES, 2007).

Freqüentemente nos deparamos com os casos de degradação de sítios arqueológicos e tendemos a culpar os agressores sem perceber que este tipo de ação vem sempre de uma ausência de ligação afetiva com os mesmos. Não há pretensão alguma de apoiar ou justificar os danos que um bem tombado possa sofrer, no entanto, pretende-se tratar o problema recorrente sugerindo uma nova abordagem, uma nova forma de solucionar estes acontecimentos e para isso o diálogo seria fundamental.

A importância dos vestígios arqueológicos como fonte de pesquisa, reside no fato de, em muitos casos, se constituírem na única forma de acessar informações sobre contextos culturais desaparecidos, sendo por isto de suma relevância garantirmos sua preservação e conservação. Mas, não só. É importante perceber estes vestígios não apenas como “artefatos” vinculados a contextos desaparecidos, mas também, através da observação e estudo das novas funções e significados que adquirem no momento em que são “re-integrados nas sociedades do presente, os processos de re-introdução de elementos (BEZERRA e FERREIRA, 2010, p. 12).

A premissa do papel da Arqueologia como facilitadora do entendimento das relações culturais do passado tem sido levada adiante, atribuindo à mesma uma perspectiva de ciência social que procura interpretar o significado das transformações sociais e culturais (TRIGGER, 1990; FUNARI, 1998).

E sendo entendida como ciência social, a arqueologia tem o potencial de dialogar com a sociedade, sendo que o discurso do patrimônio tem efeitos claros nos interesses desta que, embora convergentes ou divergentes, sustentam a criação de políticas públicas específicas para a garantia da manutenção de memórias coletivas (TRIGGER, 2004).

A atenção às questões paralelas também aproxima os estudos arqueológicos das questões antropológicas, históricas, políticas, etc. O fazer arqueológico passou a ser aplicado não somente por um arqueólogo e nem somente por uma equipe. Os principais interessados, que são os públicos a quem as pesquisas devem contemplar, tornam-se cada vez mais agentes participativos e difusores tanto do conhecimento arqueológico, quanto das práticas de conservação do patrimônio cultural e militantes que reivindicam políticas públicas adequadas à questão.

Tais pontos de vista inserem a Arqueologia nos debates atuais de identidade e pertencimento de um povo a determinado território. É o caso da questão indígena e

de alguns grupos quilombolas que, por vezes, recorrem às investigações arqueológicas para afirmar suas origens e fomentar os discursos de apropriação de terra. Por isso, pelo menos em tese, hoje tratamos a Arqueologia como uma ciência de fazer engajado, voltada para o passado, mas com relação direta com os aspectos que são evidenciados no presente, buscando atender ao seu papel social.

2.1 Estratégias para a Socialização do Conhecimento Arqueológico na Área da Capela da Mata Fresca

Não é estranho ouvirmos questionamentos do tipo "preservar pra quem?" e "o que é Arqueologia?", principalmente nos debates mais recentes sobre arqueologia. Agora, imaginemos o público escolar, os gestores municipais, etc., como devem responder a essa questão e o quanto a pergunta é recorrente em suas vidas. Daí surgiu a emergência de uma ciência pautada no diálogo, que quebre a barreira entre academia e sociedade e que evidencie o papel social do profissional arqueólogo.

O discurso do patrimônio, tanto na esfera cultural como na ambiental, foi e é fomentado por uma perspectiva preservacionista, o que tende a causar confusão nas formas de procedimento destes fins. Os conceitos "preservar" e "conservar" parecem sinônimos, mas tem significados bastante distintos. Enquanto a preservação requer o isolamento e afastamento dos sujeitos em relação aos objetos, a conservação permite a coexistência e a manutenção das coisas pelas pessoas que, por este viés, seriam as principais responsáveis pela garantia de que os mesmos permaneçam, mesmo que não "intactos".

Se a essência da "conservação dos recursos" é o uso adequado e criterioso dos recursos naturais, a essência da corrente oposta, a preservacionista, pode ser descrita como a reverência à natureza no sentido da apreciação estética e espiritual da vida selvagem (wilderness). Ela pretende proteger a natureza contra o desenvolvimento moderno, industrial e urbano. Na história ambiental norte-americana, o conflito entre Gifford Pinchot e John Muir é usualmente analisado como um exemplo arquetípico das diferenças entre a conservação dos recursos e a preservação pura da natureza (DIEGUES, 2001, p.30).

A princípio será de grande importância que a conservação seja tratada de maneira que não torne excludentes o senso comum e as políticas públicas culturais com suas finalidades, percebendo-se assim que, de fato, a sociedade **não acadêmica** é a principal afetada e, por esta razão, interessada na

trama. Sustentando ainda as novas abordagens sobre o conceito de Patrimônio Cultural e, conseqüentemente, de Educação Patrimonial que agora busca reconhecer os valores estabelecidos pelas próprias comunidades e não somente sobre o viés do discurso preservacionista como foi feito durante muito tempo.

Organizados por Aline Carvalho e Pedro Paulo Funari, na revista *História e-História* (2009), foram expostos três modelos gerais de atuações dos arqueólogos dentro do campo da AP, esses modelos foram estabelecidos pelo professor de Arqueologia da Universidade de Lund, na Suécia, Cornelius Holtorf. Seriam eles: 1) *o modelo da Educação*; 2) *o modelo da Relação Pública* e 3) *o modelo Democrático* (HOLTORF, 2007, p.107).

De acordo com o Holtorf, as três concepções podem favorecer de alguma forma as pesquisas em Arqueologia, mas seria fundamental repensar as propriedades de cada uma para escolher de forma consciente a metodologia e os caminhos das ações, embora aconteça de misturar algumas perspectivas contidas nas três (CARVALHO; FUNARI, 2009). A seguir um quadro expondo as características das mesmas:

Quadro 2- Modelos gerais de atuação dos arqueólogos no campo da arqueologia pública

<p>Modelo da Educação</p>	<p>Neste modelo existe a continuidade da tradição iluminista de se compreender a academia e a sociedade como segmentos totalmente diferentes. O arqueólogo se comporta como detentor da verdade: ele e seus pares saberiam como era a vida no passado. Daí surge a intenção de reconstruir o tempo por meio da cultura material. Neste viés, a arqueologia seria uma ciência neutra, exata que serviria para doutrinar e “educar” as massas, não havendo o debate com a sociedade como um todo. (Holtorf, 2007:107).</p>
<p>Modelo da Relação Pública</p>	<p>Visa iniciativas que possam melhorar a imagem da Arqueologia na sociedade. E, com isso, demonstrar o retorno de pesquisas à sociedade podendo, assim, continuar os trabalhos na área de Arqueologia. Neste sentido, Holtorf afirma que por esta ótica existe o reconhecimento de necessidades sociais que não são relativas a como alimentação, saúde, habitação, segurança, etc., podendo ser mais urgentes do que um projeto arqueológico. Por isso seria necessário deixar claro queos trabalhos arqueológicos são relevantes e podem ser</p>

	<p>financiados com fundos públicos ou apoiados das mais diversas maneiras. No entanto, ressalva que a propaganda dos trabalhos arqueológicos, neste modelo, é feita através das mídias: da televisão, filmes, etc., válidos para a divulgação. Mas o inconveniente desta vertente é a tendência à simplificação da Arqueologia e, principalmente, do passado (Holtorf, 2007:114-119). Neste caso o passado tende a ser transformado em algo simples demais; tudo para que ele seja consumido.</p>
<p>Modelo Democrático</p>	<p>O modelo Democrático constitui-se como uma alternativa a esses caminhos da AP apresentados até agora. Holtorf (2007:119-126), afirma que o maior pressuposto deste modelo é a valorização igualitária do conhecimento. Em uma linha argumentativa muito semelhante à do educador brasileiro Paulo Freire (1980), o autor advoga que todas as pessoas são detentoras de conhecimentos válidos e possuem igual importância, então todos podem ser estimulados a se relacionar com a Arqueologia porque essa ciência pode ser um instrumento para a leitura crítica do mundo que nos cerca e que é composto por subjetividade e pela cultura material.</p>

Fonte: Revista *História e-História* (2009)

Contudo, pois, devemos nos despir da arrogância que nos leva arejeitar de forma incisiva o enunciado por supor que o mesmo seria redundante, posto que a Arqueologia, por essência, já é uma Ciência Social. A intenção aqui não é debruçar-se sobre subdivisões cansativas de uma ciência que já deveria ser democrática. Mas entender que a forma como a Arqueologia se estabeleceu fez com que a perspectiva de atuação política fosse negligenciada.

Portanto, quando o autor refere-se a estes três modelos não significa que o ramo da AP tenha sido propositalmente pensado desta forma, na verdade, quer dizer que os modelos expostos acima são resultado de um estudo comparativo que percebe a diferença das incorporações do viés social da Arqueologia na prática.

Partindo deste pressuposto, a pesquisa aqui apresentada desenvolveu-se no que o autor chamou de *Modelo Democrático*, embora, em alguns momentos, fosse necessário oscilar entre a abordagem do *Modelo da Relação Pública*. Para isso, foi necessária a produção de mecanismos da *Educação Patrimonial* que não estivessem engessados nos pressupostos educacionais verticais de produção da informação que poderiam nos levar ao *Modelo da Educação* descrito por Holtorf

(2007:107), que para esta abordagem, dificultaria a obtenção de informações sobre as histórias das pessoas envolvidas e a transformação destas informações em conhecimento.

Nesse caso, a escolha da Educação Patrimonial como ferramenta primordial para o diálogo com a sociedade não foi aleatória. Baseou-se em referências como a *Carta do Comitê Internacional para a Gestão do Patrimônio Arqueológico (ICAHM – ICOMOS)* que, em outubro de 1990, redigiu nove artigos que especificaram as ações no campo da Arqueologia Pública e considerou aspectos como o envolvimento da sociedade em fundos que garantem a proteção de sítios arqueológicos, colaborando com o Estado na administração dos mesmos (ICAHM, 1990).

Embora na carta não estejam claras as etapas a serem seguidas para a produção do material didático que deve ser aplicado em diferentes contextos e faixas etárias, nela recomenda-se que o passado deve ser mostrado com todas as nuances inerentes à produção humana, um passado demultifaces (CARVALHO; FUNARI, 2009). Assim, as abordagens foram envoltas por este viés, mas pensando na perspectiva da gestão participativa e, por esta razão, todas as etapas do projeto, inclusive a elaboração do material didático, foram feitas em conjunto.

Paradoxalmente o ouvir é deixado em segundo plano quando pretendemos estabelecer a comunicação, fato que torna ineficaz o processo de captação das pretensões e emergências do outro com quem se pretende dialogar. Estaríamos assim, doutrinando, ensinando e submetendo o outro a nossas expectativas e forçando-os a alcançar objetivos que não os pertencem.

O potencial da arqueologia sobre esta questão está na possibilidade de interpretar a demanda dos públicos e seus diferentes interesses nos acontecimentos do passado. Pretendendo, assim, criar uma maneira de trocar conhecimentos que não sejam verticais (de cima para baixo) buscando atrelar valores que são horizontais, permitindo a colaboração e interação de públicos leigos com as pesquisas arqueológicas. Para isso foi importante uma breve reflexão sobre os conceitos educacionais empregados no país.

Os debates sobre essas questões públicas da arqueologia permitem criar novos atalhos que possibilitem levar as informações obtidas na academia e receber as que forem expressas pela sociedade. Estaríamos, assim, mais próximos de um processo mútuo, atentando ao fato de que as interferências que a participação de

gestores municipais podem gerar nesse contexto também é algo a ser assimilado por pesquisadores, uma vez que, na prática, aceleram e melhoram os resultados propostos nas investigações, principalmente o do sentido da conservação.

Para que fossem alcançados os resultados, foi fundamental o diálogo com os moradores da área da Capela da Mata Fresca, objetivando caracterizar as percepções de patrimônio e os mecanismos que eles utilizam para assimilar o conhecimento tradicional (seus saberes e fazeres) às novas propostas que surgiram nos últimos meses por ocasião do projeto que se estabeleceu na região.

A pesquisa sugere que os resultados provenientes deste processo fortalecem o sentimento de cidadania e de agentes participativos na construção do conhecimento, bem como para os arqueólogos existe a ampliação de suas funções sociais.

As providências relativas à gestão de bens culturais têm a ver com toda a sociedade, mas são melhor embasadas quando existe um apelo vindo dos principais interessados que são os que residem próximo a sítios arqueológicos quando, claro, são eles mesmos que reivindicam a participação nos projetos.

Contudo, a intenção agora exposta não é opor o interesse dos representantes políticos aos interesses de comunidades tradicionais ou hierarquizar os públicos, mas enfatizar que quando há o interesse mútuo e o senso de responsabilidade de representantes dirigentes, que cada vez mais se identificam com o povo, há também a colaboração da sociedade que pode evitar possíveis distorções a que está sujeita a marcha de seu desenvolvimento (FREIRE, 1999 p.54).

De acordo com a experiência do projeto, percebeu-se que as ações em escolas devem ser incorporadas em grades curriculares, não com o intuito de “conscientizar”², mas com a intenção de deixar claro o quando os sítios arqueológicos são bens pertencentes a todos e, portanto, todos tem o direito de posicionar-se diante dos órgãos responsáveis pela proteção deles.

² A proposta pretendeu atender a uma troca de conhecimento que não corresponde necessariamente à intenção de tornar consciente, mas sensibilizar os referidos públicos sobre a importância de seus conhecimentos e de sua cultura material e imaterial para a história do município de Aracati/CE.

2.2 O povoamento da Mata Fresca: a história da Capela Nossa Senhora da Soledade e sua importância no Vale do Jaguaribe

“Sabendo o passado dos homens em sociedade, desde os primeiros núcleos, conhece como tem sempre agido, através das idades...”
Câmara Cascudo
(Jornal “A República”, Julho de 1943)

Foto-1: Capela da Mata Fresca



(Fonte: IPHAN, 2013)

Ao pontuar a relevância da construção da Capela para a região deve-se primeiramente atentar ao fato de que a escolha dos lugares para o estabelecimento de um marco de conquista de território não é aleatória. Neste contexto específico, estamos diante de uma área totalmente propensa a implementação de um sistema que fomente o poder e o status dos idealizadores da construção.

A pequena capela se mostra imponente à medida que a paisagem é observada panoramicamente. Percorrendo alguns quilômetros do complexo habitacional agora existente na Mata Fresca, é possível perceber na estrada carroçável, uma tela composta por caminhos de vegetação densa, de inúmeros carnaubais que parecem não acabar até nos levarem ao encontro da capela.

A primeira impressão instiga o susto pelo impacto de um monumento no cenário onde as vistas já estavam acostumadas a paisagem densa dos carnaubais e, no segundo momento, parece modesta e pequena comparada a outras construções de finalidade religiosa do século XVIII. Ora, é justamente nesta surpresa que surgem as maiores inquietações a respeito da capela e nela corroboram as fontes escritas e não escritas que fazem referência ao lugar como resultado de uma ação estratégica envolvida por um forte sistema ideológico de estabelecimento na região. Sobre as estratégias e escolhas dos lugares reitera Milton Santos

[...] o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo. (SANTOS, 2008, p. 114)

Ao entrar causa-nos impacto as grossas e reforçadas paredes que demonstram o quanto houve de esforço de mão de obra em erguer a estrutura que abrigou a santa que levou romarias e mais romarias ao seu encontro. Logo se vê que o material construtivo de suas paredes é diferente do que compõe o “portfolio” das mais antigas construções na região. Estão ali as “pedras do mar” uma das poucas informações que prevaleceu na memória coletiva e que é recorrente nos relatos da tradição oral: *“conheci esse lugar de tudo quanto é jeito, as pedra que tem nas parede só pode ser do mar, é salgada. Quem disser o contrário quer adoçar as pedra, e isso não pode...o mar é salgado”* (Senhor Sérgio, mestre de obras) esta oralidade é composta por testemunhos de sabedoria limitada, que não permite o demasiado fetiche somente por documentos oficiais.

As informações se intercalam e compõem a trajetória do uso e abandono do lugar até a reapropriação do mesmo pelos moradores na década de 1940, quando a capela foi “redescoberta” por mateiros da região totalmente coberta pela vegetação.

Recorrendo a historiografia local, será possível entender sobre questões amplas que vão desde a implementação de núcleos por europeus na área do Jaguaribe até a parte do ensaio onde as pessoas passam a ressignificar o espaço com novos usos e apropriação do marco religioso.

As fontes com menções mais recorrentes à capela estão, por exemplo, nos relatos de Luís da Câmara Cascudo, o *brasileirista*, como referiu-se certa vez a ele Carlos Drummond de Andrade. Embora seja difícil encaixar suas perspectivas, o

autor esteve sutilmente envolvido por uma influência historicista e empenhou-se no registro e transformação sugestão de planos em documentos que, no futuro, ficariam para outros estudiosos (CASCUDO, 1960).

O primeiro núcleo implantado pelos europeus no Vale do Jaguaribe foi o Forte de São Lourenço, erguido à margem esquerda do Jaguaribe, próximo à foz. Sua fundação recorrentemente é ligada ao português, dos Açores, Pero Coelho de Souza, explorador. A denominação de São Lourenço já havia sido vista no mapa de autoria desconhecida³ que foi atribuído ao referido expedicionário. Neste mapa aparecem topônimos no Vale do Jaguaribe com as mais antigas referências, a exemplo seguem alguns nomes: *Rio Magaito (rio Figueiredo)*, *Poimigo Cape (Banabuiu)*, *Ariama Mui (Serras do Pereiro e Camará)* e *Hug-Beranduba*, este último atribuído ao acidente geográfico fluvial que referencia a região hoje conhecida por “Mata Fresca”, no município de Aracati (FREITAS, 2014, p. 5).

O Riacho Mata Fresca foi anteriormente chamado de rio “mouxoró” e está localizado no Vale homônimo, com limites entre as ribeiras do Jaguaribe (CE) e Apodi (RN) (BARBOSA: 126). Córrego ou Riacho é resultado da confluência entre a Serra da Anta e a Serra do Mossoró, desembocando as águas no atlântico, após um curso de sete léguas, entre a Ponta dos Cajuais e o Morro do Tibau, (LINS & ANDRADE: 2001).

Considerando a referência feita por Francisco Fausto de Souza:

Havia um rio chamado Mossoró, formado da queda das águas da serra do mesmo nome e da serra Dantas, o qual, avolumando a sua caudal e atravessando o vale da Mata Fresca, desemboca cerca de meia légua a oeste do Morro do Tibau, onde toma o nome de Arrombado. Seu curso é, aproximadamente, de sete léguas. É o atual rio Mata Fresca (SOUZA:1996, apud FREITAS, 2014, p.2).

São feitas outras referências na Carta Topográfica de Villiers De L'Isle Adam, referências que levam a planta produzida pelo piloto hidrográfico José Pacheco de Lima cedida por Dr. Pires da Mota, então presidente do Ceará, ao imperador. São inúmeras as fontes que apontam a região como fundamental para o desenvolvimento histórico que ali se delineou em todos os aspectos *as bonanças do sulco desse 'Riacho', que em inúmeras outras citações figura pela denominação de 'Rio', foram o regalo para os empreendedores da desbravação do território limítrofe*

³ Relatório etnohistórico da região de Mata Fresca.

entre as capitanias Ceará e do Rio Grande do Norte(FREITAS FILHO. 2003, p. 8).

Mateus Nogueira Brandão (1902: 326), ressalta que levaram alguns anos até a efetiva conquista do que hoje corresponde ao território que abarca as redondezas do Vale e as investidas políticas e econômicas fossem consolidadas. O autor faz um recorte temporal que teria abarcado o fenômeno que corresponderia de junho de 1712 a janeiro de 1783, no meio tempo haviam sido nomeados agentes militares para atuar nas ribeiras do Apodi e Mossoró (margem esquerda do rio, cuja jurisdição havia sido anexa à mesma Capitania) e Distrito da Mata Fresca(FREITAS FILHO, 2014).

Não podemos nos descurar, entretanto, da ação nefasta empreendida, anteriormente, pelo Terço dos paulistas, que, acampados no Assú (Rio Grande do Norte), partiam para guerrear os nativos que resistiam à ocupação colonial nas ribeiras do Mossoró/Apodi e Jaguaribe no final do século XVII, quando se intensifica a doação de sesmarias e a conseqüente formação de currais e fazendas. A rigor, a guerra com os índios revoltosos é uma realidade já a partir de 1666, quando há intensificação do projeto colonizador em direção ao sertão e às ribeiras. Mas, é no período do final do século, que a luta atinge a plenitude, ensanguentando o interior da capitania. A ação ficou conhecida como a “Guerra dos Bárbaros”. Em 1689, a campanha do paulista Matias Cardoso, nomeado “Governador absoluto na guerra contra os bárbaros” do rio Piranhas ao Baixo Jaguaribe, sela definitivamente o início do extermínio dos índios. No Vale do Jaguaribe, a sua base de operações era o “Arraial”, que para muitos historiadores corresponde ao atual núcleo histórico do Aracati há pouco mais de 50 km do Vale da Mata Fresca. (RELATÓRIO ETNOHISTÓRICO, 2014, p. 10)

As referências histórico-bibliográficas mencionam também uma provável base de operações militares (Casa Forte) no Vale da Mata Fresca, que serviria de suporte nas violentas lutas contra populações nativas que viviam nas ribeiras. Entre os mais conhecidos estão os Icozinhos, Tremembés, Paiacus ou Baiacus e Caborés.

N. 300 – Antônio da Silva Castro possui na Freguezia de N.S do Rozario da cidade do Aracaty província do ceará seis sortes de terra; a saber: huma sorte no logar denominado Camurúpins, que extrema com José Simões, José Ferreira da Silva, Antônio da Costa, e os herdeiros de Antônio Pereira de Mello. Duas sortes de terra nesta mesma Freguezia, nas Praias, no logar denominado Canto Fórte, extremado com os herdeiros do finado José Francisco Rebouças, em comum com estes e com Felicidade Ferreira e José Antônio de Olanda, compreendendo Curral Grande e Corrego da Mata Fresca aonde extremar com os demais herdeiros do mesmo Corrego. (RELATÓRIO ETNOHISTÓRICO, 2014).

A denominação “Mata Fresca” indica ter sido aplicado ao território de fronteira entre o Ceará e o Rio Grande do Norte, enfatizando “o contraste entre a sua

amenidade e a aridez inóspita dos sítios circundantes” (FILHO,2014, p.12), e foi visto pela primeira vez em registros da década de trinta, do século XVIII, mencionando o batismo ao dia 08 de agosto de 1731, em cerimônia conduzida pelo Padre Antônio Martins Pimentel (Livro nº 1 de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário das Russas - Cúria Diocesana de Limoeiro do Norte).

O português Antonio de Souza Machado, natural de Braga, foi nomeado Sargento-Mor em 22 de Setembro de 1766, sendo responsável pelos Distritos de Mata Fresca e Cajuais e Ribeira do Mossoró por Carta Patente concedida pelo Governador do Ceará-Grande, João Batista de Azevedo Coutinho de Montaury. Mudando-se para o Brasil, erradicou-se na Vila de Russas, Vale do Jaguaribe, Capitania do Ceará-Grande, onde se estabeleceu e casou com Rosa Fernandes da Conceição. *Tornou-se proprietário, criador, charqueador, Vereador e Juiz Ordinário Vila de Santa cruz do Aracati, no período de 1768 a 1769, além de um dos mais bem qualificados representantes da Milícia do Brasil Império, multiplicando suas posses em terra, gado e escravos. (FILHO, 2014, p.14).*

Segundo Câmara Cascudo (2001), o Sargento-Mor Antônio de Souza Machado mudara-se para o Vale da Mata, onde fez vertiginar uma de suas grandes empresas pastoris, superabundando então o gado bovino, equino e caprino, concorrendo para o abastecimento das carnes e laticínios nos banquetes frugais das populações das ribeiras do Aracati, Mossoró e Assú. Posteriormente empreenderia Entradas rumo ao Norte, alcançando as plagas litorâneas do que hoje conhecemos por Icapuí, léguas de praias ainda virgens à índole civilizadora, repelindo e escravizando remanescentes do bravo gentio, ao passo que explorando o território e fixando novos pontos de apoio. Foi assim em Cajuais (onde permaneceu algum tempo com residência fixa, BARBOSA:1904) e em outras áreas setentrionais do atual município de Icapuí, como a Redonda, onde contava com casas, escravos e gados, vacum e cavalari. (FREITAS FILHO: 2003).

Seus filhos, Domingos Fernandes de Souza e Félix Antônio de Souza Machado juntamente com o pai, pediram sesmaria que estendia território de Juazeiro (Riacho Grande) ao Vale da Mata Fresca e, neste episódio, estão descritas as referências à construção da Capela da Mata Fresca em meados do século XVIII. Sobre ele Freitas Filho (2014) menciona que *“faleceu em Grossos, Sítio de sua propriedade, no atual Estado do Rio Grande do Norte, em 1797, não se sabendo onde foi sepultado, se na Capela de Santa Luzia, por ele também edificada, na*

cidade de Mossoró, ou se na Capela de Nossa Senhora da Soledade da Mata Fresca”.

Aberto pelo Vigário José Antunes de Oliveira, o *Assentamento do Registro de Terras* da freguesia do Aracati (Lei da Terra, 1850) , aponta que a Mata Fresca possuía os seguinte proprietários:

Quadro 3- Proprietários de Terras na Região da Mata Fresca

N. 205 – José Vicente Ferreira de Freitas	(...) Declara mais ter na data do Corrego – Manguinho – na mesma Mata Fresca, uma sorte com braças incertas que houve por compra aos herdeiros do mesmo sítio.&(BRANDÃO:1902)
N. 207 – Joaquim Vicente Ferreira de Freitas	(...) possuidor de uma sorte de terra no lugar Mata Fresca esta freguesia do Aracaty, que houve por herança de seu finado pay, José Vicente Ferreira de Freitas (...) Tem meia legoa de fundo para o lado do mar.& (BRANDÃO:1902)
N. 216 – Zacharias de Souza Machado	(...) natural e morador desta freguezia de N. S. do Rosário da cidade do Aracaty, cazado; declara que possui uma parte de terra no sitio Mata Fresca, a qual houve por herança da parte materna (...) a pegar da pancada do mar com os fundos de uma légua para o centro. (BRANDÃO:1902)
N. 229 – José Vicente Ferreira de Freitas Junior	(...)possui uma sorte de terra no sitio Mata Fresca, com braças incertas da parte do nascente. Declara ter mais uma sorte de terra na Mata Fresca com braças incertas da parte do pente.& (BRANDÃO:1902)
N. 260 – José Antônio d’Olanda	(...) declara que possui numa parte de terra no sitio Mata Fresca que houve por herança da parte materna, extremando a mesma terra pela parte do poente com o Padre Claudio Pereira de Farias (...) tendo uma légua de fundo& (BRANDÃO:1902)
N. 296 – Felix de Souza Nogueira,	(...)morador na freguezia de Santa Luzia do Mossoró, possui uma sorte de terras na data do Corrego da Mata Fresca que comprou a 5 deste corrente mez (julho de 1856). & (BRANDÃO:1902)

N. 300 – Antônio da Silva castro	(...) Duas sortes de terra nas Praias no lugar denominado Canto Forte (...) compreendendo Curral Grande e Matta Fresca aonde extremar com os demais herdeiros do mesmo Corrego (...) &. (BRANDÃO:1902)
N. 337 – O reverendo Antônio Francisco Sampaio	(...) é possuidor de meia legoa de terras no Corrego da Matta Fresca (...). Sendo compradas a José Antônio de Olanda e sua mulher Olimpia Custódia do Amor Divino. (BRANDÃO:1902)
N. 423 - O reverendo Antônio Francisco Sampaio	(...) he senhor e possuidor de huma penhora em terras da Matta Fresca para pagamento do bébito de Francisco Ferreira da Silva e de sua mulher Francisca Nunes Barbosa tem de cujo débito setença da Relação de Pernambuco e ad cautelam que que seja registrada no livro do Registro d´esta freguezia. & (BRANDÃO:1902).

Fonte: Relatório Etnohistórico

Até o ano de 1909, Mata Fresca era considerada Povoação do município de Aracati, e pela Lei Estadual 448 de 20 de dezembro de 1938 foi elevada a categoria de Distrito, sendo assim, desmembrado o Distrito Areal, atual Ibicuitaba.

2.3 A Capela Nossa Senhora da Soledade da Mata Fresca

Devemos atentar as fontes que versam sobre os responsáveis pela edificação da Capela nas quais, a respeito dos doadores da terra para a o estabelecimento do patrimônio e construção da Capela da Mata Fresca, estão entre os nomes Herônimo da Silva Cardoso e Antônio de Sousa.

De acordo com o levantamento contido no *Relatório Etnohistórico* da capela, está citado como o primeiro proprietário o Capitão Herônimo da Silva Cardoso, sesmeiro, que deixa as terras como herança ao sobrinho Balthazar Gonçalves dos Reis. Ainda de acordo com o relatório, *em 1724, Herônimo Cardoso pede novamente terras em sesmarias na região*(2014).

HERÔNIMO DA SILVA CARDOSO	Local de Nascimento Portugal ou Rio Grande do Norte Falecimento NC Sepultamento NC Casamento As evidências indicam que faleceu solteiro FiliaçãoNC
LIAMES FAMILIARES	Heronimo da Silva Cardoso chegou na Capitania do Ceará por volta de 1698. Era irmão de Jerônima da Silva (natural do Rio Grande do Norte), ela, casada que foi com o português Domingos Fernandes, pais de Rosa Fernandes da Conceição, esposa do Sargento-Mor Antônio de Souza Machado. Herônimo foi sesmeiro em 1705 nas terras que hoje vem a constituir o município de Icapuí

Fonte: Relatório Etnohistórico

Nos documentos consta que Cardoso já era falecido em 1754 e dele herdou terras o sobrinho, Balthazar Gonçalves, e das terras herdadas de Herônimo doou uma légua para a Capela de Nossa Senhora da Soledade da Mata Fresca. Sobre o herdeiro *“O Capitão Balthazar Gonçalves dos Reis, que parece também ter herdado terras do seu tio em Cajuais, nasceu no ano de 1705, na Aldeia da Pousada, Freguesia de São Tiago da Cruz, Vila Nova de Famalicão, Braga, Portugal.”* (FREITAS, 2014,p.15)

Câmara Cascudo sustenta que *“A presença da Capela anunciava a estabilidade da família, a economia organizada, a vida normal, rítmica, fixada num diagrama de percurso social tranquilo e seguro”* (2001, p. 40).

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte aponta que o Sargento-Mor Antonio de Souza Machado teria sido o responsável pela construção da capela *“Outras fontes informam que o Sargento-Mór Souza Machado construiu, em Mata Frêsca, uma Capela, quando ainda residia em Russas (Vol. 35-37 - Ano 1941, p. 289)”*.

Mateus Nogueira Brandão (1902) ainda menciona a fé do povo que fazia romarias em épocas de dificuldades extremas e estiagens demoradas

A multidão dos fies se acardumava ao longo de 8leguas de caminho em honra da venerada imagem; os homens esperançados e confiantes nos majestosos sufrágios feitos em côro, as raparigas embelecidas com seus melhores vestidos e ornatos, choravam de comoção ao ver passar o préstito, que desfilava em solemne procissão... & Montando hardidos cavalos escuros, castanhos ou russos, belos typos de raça andaluza, que levavam a engordar na cavalhariça um ano inteiro, para melhor figurarem nesses concursos regionais, o SargentoMor e sua dona, os filhos e genros com suas mulheres, as crianças e os pagens, toda a piedosa família Souza Machado, a principal do logar, sua numeroza parentela e achegaças, formando a tribu ou o clan, abalava das terras do Juazeiro, queimadas, Matta Fresca, Barra do Mossoró, Citio Grossos e do Goz, para a terra e cazas de Santa Luzia em sumptuosa romaria. & Outras vezes a verenada Imagem de N. S. da Abbadia era reconduzida para a poética Capellinha da Matta Fresca, menos afastada do Oceano, a primeira erigida em testemunho da robusta fé ali implantada pelos missionários no coração do povo...(Idem)

De acordo com Luis da Câmara Cascudo, a Imagem da santa Nossa Senhora da Abadia da Capelinha da Mata Fresca seria uma peregrina. E em 1830 encontrava-se na Igreja de Santa Luzia do Mossoró fazendo menção a segunda reforma *‘Três quartas de pólvora para se atirar na passagem da Santa para a Igreja’*. *A imagem de Nossa Senhora da Abadia era hóspede, com posses pessoais de Santa Luzia.*”(CASCUDO:2001, p 12).

Em 1945 o padre Marcondes de Mattos Cavalcante tomou posse como Vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Soledade em Icapuí e teria levado a imagem da santa novamente a igreja após 115 anos em que esteve afastada do altar de origem. Em outubro de 1972, o jornalista aracatiense Antônio Figueiredo Monteiro, que trabalhava na redação do jornal O POVO esclarece que naquela altura, ela estava sob guarda do Instituto do Museu Jaguaribano, em Aracati

Encontra-se no município de Aracati, distrito de Mata Fresca, uma Capela cuja Padroeira é Nossa Senhora da Piedade e nela foi encontrada uma das mais belas imagens esculpidas em madeira, bastante antiga, pintada a ouro de lei e que se encontra sob guarda no Instituto Museu Jaguaribano, desta cidade.(MONTEIRO, 22 de outubro de 1972 - Jornal O POVO)

Na Capitania do Ceará antes de 1730 as capelas eram anexas às fazendas, desta forma a construção das mesmas estava ligada a ocupação e conquista do território, que teve início antes de 1697 e apogeu a partir de 1708 (NOBRE: 1980). A área correspondente aribeira do Jaguaribe pertencia a um único senhorio possuidor de extensas áreas, fato que impedia a ampliação do povoamento e caracterizava a área como locais de oração privados, sem acesso livre ao público.

Ainda assim, a capela foi durante muito tempo a alternativa não pagã para os católicos que necessitavam de um templo para realizar seus rituais. Assim, foram inúmeros batismos, registros de óbito e sepultamentos ligados a Capela da Mata Fresca.

Afirma a tradição que antes de 1772, os habitantes da Ribeira de Mossoró, quando faleciam, eram sepultados na Igreja da Mata Fresca; depois na capela de Santa Luzia e na Casa de Oração do Bairro da Igreja Velha; depois na Igreja Matriz e de 1869 para cá no cemitério público desta cidade”. (FAUSTO: 2001, p. 13)

A *“Capela de Nossa Senhora da Soledade da Mata Fresca”* recebeu o primeiro lote de terras para a constituição de seu Patrimônio em 1763 (a fora aquele já doado para a edificação da ermida), doação efetuada por Baltazar Gonçalves dos Reis, uma légua de terra (FILHO, 2013, p. 21). A Mata Fresca aparece como um núcleo de povoamento considerado “completo” por ter como marco a Capela de Nossa Senhora da Soledade, a Capelinha da Mata Fresca. Isto consta no ‘Mapa das Vilas principais e povoações de Brancos e índios da Capitania do Ceará Grande’, da data de 01 de abril de 1783, ainda nos tempos de administração do Governador Montaury.

Estes são registros referentes a documentos que mencionam a capela como fundação que guiou o processo político e econômico da região. No entanto, tão primordial quanto as informações destes registros, será uma explanação sobre os eventos e discursos paralelos que se desenvolveram em torno da capela e a formação de um conjunto de narrativas que, associadas aos documentos oficiais, podem auxiliar na investigação.

Estaríamos, pois, a sujeitar a leitura da história local a uma lente em que a Arqueologia possa tornar o cenário dos eventos de outrora necessariamente mais nítidos, mas mais fluidos e assimiláveis. Por isso, não estaríamos buscando apenas um relato implacável da história do povo que ali viveu há tanto tempo, apenas considerando que, para os propósitos deste estudo que prioriza a socialização do conhecimento acadêmico, a descrição arqueológica deve ser paralela à coexistência de práticas culturais contemporâneas.

Ora, a descrição arqueológica é precisamente abandono da história das idéias, recusa sistemática de seus postulados e de seus procedimentos, tentativa de fazer uma história inteiramente diferente daquilo que os homens disseram. O fato de que alguns não reconheçam nessa tentativa a história

de sua infância, que a lamente e que invoquem, numa época que não é mais feita para ela, a grande sombra de outrora[...] (FOUCAULT, .158)

O autor ainda enfatiza os pontos de separação entre a análise arqueológica e a história das ideias que, segundo ele, seriam numerosas, pontuando, assim, as particularidades da análise arqueológica e sua capacidade descritiva (FOUCAULT, p.158).

Por isso, nesta pesquisa, recorreremos sempre à leitura das linhas, entrelinhas e falas que, conforme foram proferidas, agruparam o que caracterizou o arquivo ao qual recorreremos. Assumindo a fragilidade a qual os pesquisadores estão sujeitos, pois “os discursos sobre os objetos se transformam de acordo com a vontade de saber do período localizado”(RAGUSA, 2010), ousando, embora timidamente e insipiente, beber do que Foucault chamou de arquivo

Chamarei de arquivo, não a totalidade dos textos que foram conservados por uma civilização, nem o conjunto de traços que puderam ser salvos de seus desastres, mas o jogo das regras que, em uma cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de acontecimentos e de coisas. Analisar os fatos de discurso no elemento geral de arquivo é considerá-los, não absolutamente com documentos (de uma significação escondida ou de uma regra de construção), mas como monumentos;- é fora de qualquer metáfora geológica, sem nenhum assinalamento de origem, sem o menor gesto de direção do começo de uma arché- fazer o que poderíamos chamar, conforme os direitos lúdicos da etimologia, de alguma coisa como uma arqueologia. (IN MOTTA, Manoel Barros. Ditos e Escritos vol. IV. Forense Universitária, 2001. Rio de Janeiro. P,95.)

Por ser um sítio colonial, no contexto estudado, tratamos de um processo de pesquisa de caráter inter e multidisciplinar, inerentes a Arqueologia Histórica. E por entender que "a Arqueologia Histórica é um campo multidisciplinar que compartilha uma relação especial com as disciplinas formais da Antropologia e da História" (ORSER; FAGAN, 1995, p.14), lidamos com análises de relações que dialogam com as sociedades do passado e do presente e a cultura material delas provenientes. Mas também buscamos levantar reflexões sobre a importância de interpretar informações que vem de “pessoas comuns que não são visíveis no registro documental" (HALL, 1991, p.78).

O amadurecimento de uma Arqueologia Histórica mundial, nos anos noventa, implica em superar algumas limitações. Em primeiro lugar, seu caráter multidisciplinar exige a superação das barreiras formais entre as disciplinas acadêmicas que lidam com as sociedades humanas e sua transformação. O estudo da cultura material define a Arqueologia, mas ele

não pode ser feito de forma isolada, nem confundido com a mera e ilusória "produção de fatos novos" - uma escavação, por exemplo. Em segundo lugar, encarada como estudo da difusão européia pelo mundo ou como análise das contradições materiais nas sociedades de classe, a Arqueologia Histórica tem como centro de sua atenção as tensões sociais, no passado e no presente.(FUNARI, 1996, p.166)

Para a arqueologia histórica, tão fundamental quanto o capitalismo, são os reflexos das teorias antropológicas que inferem em análises tanto no âmbito do entendimento dos contextos nos quais as relações acontecem como se hierarquizam e interagem os ditos “estratos sociais” e como a identidade dos grupos promove normas e regras de comportamento, embora não devamos esquecer que “[...] as histórias arqueológicas não possuem algo como uma essência ou uma prática operacional homogênea que se possa traduzir sob a condição de uma unidade metodológica de pesquisa que faça a verdade aparecer limpa e tranqüila.” (RAGUSA, 2010, p.2). Mas, de certa forma, cultura material é uma representação dessas formas de organização. A interpretação da cultura material é que, teoricamente, deve ser tida como variáveis de inúmeras **representações** culturais envoltas por subjetividades. Uma interpretação, conforme Foucault, da *história arqueológica*, onde: todas as suas análises estão centradas no homem, isto é, formam uma grande pesquisa sobre a constituição histórica das ciências do homem na modernidade. (MACHADO, 2006. p, 9.)

A epígrafe deste capítulo menciona o **entendimento do passado**, mas a intenção foi tratar o **passado como um veículo de constante manobra**, que carrega consigo discursos que não são uniformes, unânimes ou perenes, afinal, estamos lidando com narrativas construídas por homens então, claro, a subjetividade e a inconstância estarão sempre presentes em tudo o que por nós for construído. Aparentemente foi o que Foucault esperou da História, ou pelo menos da *história arqueológica*: não respostas rígidas sobre um passado, mas interrogações abertas passíveis do entendimento da pluralidade, como escreveu Deleuze:

O que Foucault espera da História é esta determinação dos visíveis e dos enunciáveis em cada época, que ultrapassa os comportamentos e as mentalidades, as idéias, tornando-as possíveis. Mas a História só responde porque Foucault soube inventar, sintonizando com as novas concepções dos historiadores, uma maneira propriamente filosófica de interrogar, maneira nova e que dá nova vida a História. (DELEUZE, 2005, p. 58,59.)

Por isso, muitas observações que serão feitas adiante sobre a história do

lugar e das pessoas que vivem nele, serão envoltas em percepções sobre o passado que estão atreladas em práticas contemporâneas, e também estarão voltadas para a tentativa da construção de uma escrita sobre memórias e identidades. Por exemplo, as lendas, saberes e fazeres foram levados pelos moradores para as oficinas considerando-os do mesmo teor e potencial informativo que os documentos escritos.

3 CAPÍTULO II: O PROJETO ESCAVAÇÃO NA CAPELA DA MATA FRESCA

As questões são fabricadas, como outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer.

Gilles Deleuze

A execução do trabalho foi mediada pela empresa *Arqueosocio Consultoria em Arqueologia e Sociologia*, responsável pela contratação de profissionais que desenvolvem pesquisas nas áreas de Arqueologia e Sociologia.

O projeto em questão buscou atender a solicitação da Superintendência do Instituto Histórico e Artístico Nacional-IPHAN do Estado do Ceará que apresentou as diretrizes para a realização do programa de escavação arqueológica relacionadas ao início das obras de restauro arquitetônico da Capela Nossa Senhora da Soledade localizada no distrito de Mata Fresca, Aracati-CE.

Em 21 de novembro de 2013 a empresa *Rosa dos Ventos Geração e Comercialização de Energia S/A* estabeleceu o compromisso do TAC IPHAN-CE nº 003/2013 com a Superintendência do IPHAN no Ceará que prevê a tomada de medidas mitigadoras e compensatórias que devem ser efetivadas.

Partindo do município de Icapuí, se pode ter acesso à área em questão percorrendo 12 quilômetros de estrada vicinal, ou mesmo partindo da cidade de Fortaleza pelas rodovias federal BR 304 e estadual CE 040.

Em meados do século XVIII a capela respondia as diretrizes eclesiásticas da Paróquia do município vizinho, Icapuí-CE. De acordo com documentos dos arquivos paroquiais de Russas e Limoeiro a capela tem referencias do ano de 1730. A construção é considerada um “lugar de memória” por ser

[...] antes de tudo, um misto de história e memória, momentos híbridos, pois não há mais como se ter somente memória, há a necessidade de identificar uma origem, um nascimento, algo que relegue a memória ao passado, fossilizando-a de novo: “O passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre. É colocando em evidência toda a extensão que dele nos separa que nossa memória confessa sua verdade como operação que, de um golpe a suprime (ARÉVALO, p.4)

Vale ressaltar que, a partir da década de 1980 surgiram no Brasil novas perspectivas que possibilitaram compreender melhor os estudos de Arqueologia Histórica contextualizando a cultura material com os aspectos sociais que

caracterizam algumas propriedades rurais. O desenvolvimento do projeto em questão revela algumas questões que surgiram posteriormente

[...] a arqueologia histórica é demonstrada aqui não como uma fonte a mais de investigação sobre o passado, mas sim como um saber próprio que tem muito a contribuir com a produção do conhecimento histórico. De um lado atingindo o particular, o quase intangível das relações sociais através do estudo de coisas triviais e cotidianas, por vezes esquecidas ou simplesmente ignoradas em detrimento de outras fontes históricas, como a cultura material. De outro lado buscando o contemporâneo, não só como uma forma de entendimento dos fatos ocorridos e de seus desdobramentos no tempo presente, mas sim como uma atividade de reflexão e análise sobre a condição atual das relações sociais no campo e a proposta de construção de uma arqueologia do rural (COSTA, 2012).

Antes de expor os objetivos e a metodologia aplicada às intenções deste estudo, é preciso saber sobre a metodologia empregada em campo, para contextualizar as informações que foram divulgadas. As intervenções adotadas para a obtenção dos dados foram feitas baseadas em um projeto inicial do departamento de Arqueologia da Superintendência do IPHAN/CE que dispunha sobre questões práticas como a metodologia de escavação e o processamento de dados.

O desenvolvimento do estudo sob a ótica da Arqueologia Pública, planejamentos pedagógicos e o diálogo com diferentes públicos foi feito de maneira paralela ao cumprimento das recomendações que serão expostas adiante.

O projeto elaborado pela Superintendência do IPHAN-CE direciona as atividades que devem ser efetuadas para o cumprimento das leis referentes ao patrimônio arqueológico em todas as esferas e recomenda ações interventivas em ampla superfície nas áreas externa e interna da capela, fomentando ainda a realizações de ações educativas com a comunidade *Mata Fresca* que reside nas proximidades.

Em concomitância às obras de restauro da Capela serão realizadas atividades interventivas na forma de sondagens, trincheiras e escavação de ampla superfície, extensivas às áreas interna e externa da edificação, com o intuito de evidenciar estruturas construtivas, além de eventuais artefatos arqueológicos que porventura se encontrem depositados no subsolo. Conforme Termo de Referência elaborado para a execução destes estudos, ainda estão previstas análises laboratoriais e execução de ações educativas junto à comunidade residente no entorno da Capela. (IPHAN, 2014)

Seguindo as recomendações da carta de Veneza (1964) que sugere no artigo 9º que os trabalhos que envolvem restauro de bens arquitetônicos devem estar

associados a estudos de Arqueologia desenvolvidos preliminarmente e, por esta recomendação, o projeto está embasado em referências voltadas para a “Arqueologia da Arquitetura” e supõe que pelas especificidades do sítio setecentista haveria recorrência de padrões construtivos que respondessem a problemática do erguimento da capela, seu apogeu e os fatores que a levaram ao declínio e abandono por muitos anos .

Antes do início das escavações na Capela foi feito um exaustivo levantamento bibliográfico que pudesse revelar detalhes sobre os construtores do bem em questão e suas motivações que diziam respeito desde a escolha do lugar, até as técnicas e materiais empregados na construção. Inclusive, esta pesquisa preliminar atende a Portaria IPHAN/MinC 230/2002 que no artigo 1º aconselha a consulta em arquivos públicos que detenham fontes históricas.

A superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Estado do Ceará elaborou no “Projeto de Escavação Arqueológica da Capela de Nossa Senhora da Soledade, Mata Fresca– Aracati – Ceará”(2014) um quadro de objetivos que se pretendia alcançar, dentre os quais nos gerais estão:

- *Realizar escavação arqueológica na área da Capela de Nossa Senhora da Soledade com o intuito de evidenciar eventuais artefatos arqueológicos e estruturas;*
- *Subsidiar as obras de restauro arquitetônico da Capela de Nossa Senhora da Soledade;*
- *Compreender como se deu o processo de construção e mudanças ocorridas ao longo do tempo na referida Capela.*

E entre os objetivos específicos:

- *Executar sondagens e trincheiras para avaliar a estratigrafia local e o potencial arqueológico em profundidade;*
- *Realizar escavações de ampla superfície para entender a distribuição espacial dos artefatos e acomodação dos remanescentes arquitetônicos;*
- *Executar caminhamento nos arredores da Capela para identificar estruturas de edificações eventualmente existentes na área;*
- *Realizar contextualização arqueológica em escala local e regional;*
- *Realizar levantamento de fontes históricas acerca da povoação da Mata*

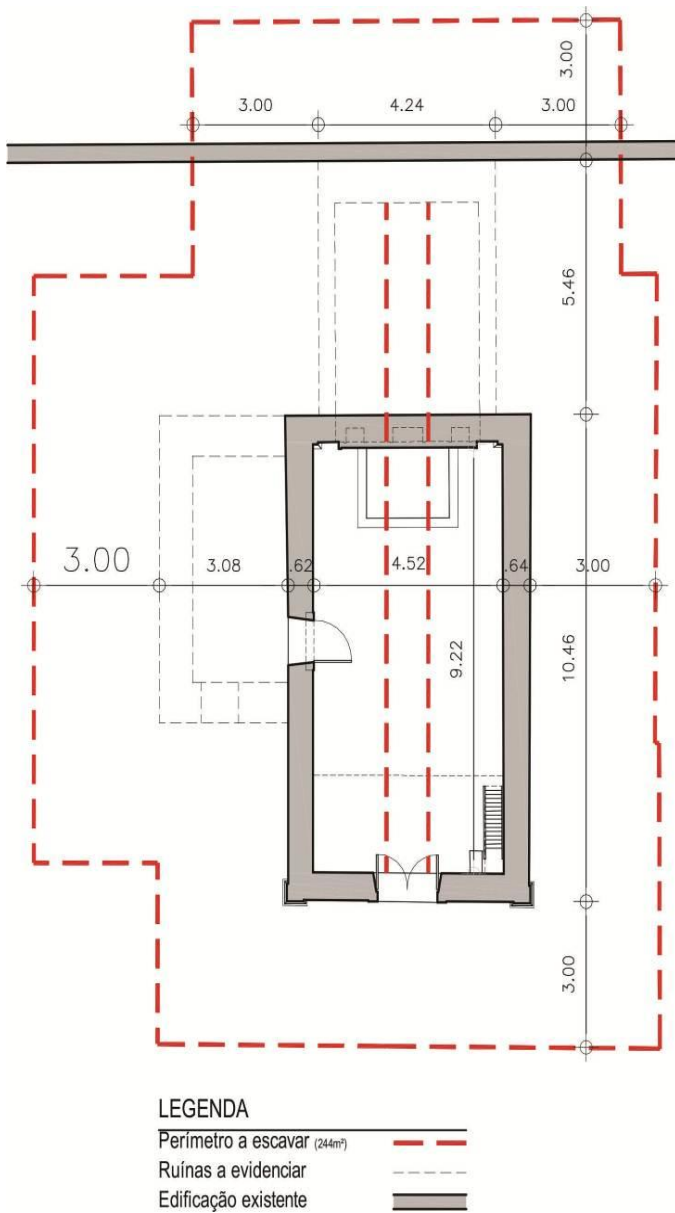
Fresca e da Capela de Nossa Senhora da Piedade no contexto da ocupação colonial do baixo curso do rio Jaguaribe;

- *Analisar as coleções oriundas das escavações arqueológicas da Capela considerando-se os aspectos morfológicos, funcionais, estilísticos e cronológicos;*
- *Elaborar planta planialométrica com o intuito de avaliar a disposição de estruturas e artefatos arqueológicos;*
- *Elaborar e executar projeto de exposição “in situ” das peças arqueológicas recuperadas na escavação;*
- *Implementar Programa de Educação Patrimonial na comunidade de Mata Fresca, inclusive o treinamento do público estudantil e não estudantil para atuar nas atividades de escavação e análise laboratorial.*

Sobre a metodologia estabelecida para o desenvolvimento do trabalho de campo foram contemplados aspectos da escavação, o registro espacial e a documentação escrita e imagética. Sobre os procedimentos posteriores *“no âmbito dos trabalhos de gabinete serão desenvolvidas atividades de higienização, inventário, análise de vestígios arqueológicos, processamento de dados, levantamento bibliográfico, produção de documentação visual, artigos e relatórios”* (IPHAN, 2014).

Ainda segundo a Superintendência regional, as áreas a serem escavadas foram definidas por um sistema alfanumérico considerando a planta geral da capela que busca verificar o *“potencial do subsolo, conhecimento da estratigrafia e a confirmação de hipóteses prévias relacionadas às áreas construídas da capela”*.

Figura 1- Planta baixa do Planejamento preliminar de distribuição das quadrículas



(Fonte: IPHAN, 2014)

S						2m
R						
Q						
P						
O				VII		
N			VI			
M			Capela	Capela		
L		IV	Capela	Capela	V	
K			Capela	Capela		
J			Capela	Capela		
I			VIII	Capela		
H			II		III	
G						
F			I	I		
E						
D						
C						
B						
A1	2	3	4	5	6	7

A escavação foi realizada em quadrículas de 4m² (2 x 2 metros) que foram nomeadas e registradas de acordo com a malha alfanumérica estabelecida. Cada quadrícula corresponde a um ponto da problemática que foi investigado, pontos estes que foram pensados considerando questões referentes à Arquitetura,

conforme segue no projeto acima mencionado:

- I. quadrículas 4F e 5F serão localizadas próximo à porta de entrada para verificar a presença de estruturas complementares à edificação na área frontal (pisos, calçadas, batentes);
- II. quadrícula 4H será localizada na área frontal esquerda para verificar a presença de estruturas complementares à edificação na área frontal (pisos, calçadas, batentes);
- III. quadrícula 6H será localizada na área frontal direita para verificar a presença de estruturas complementares à edificação na área frontal (pisos, calçadas, batentes);
- IV. quadrícula 3L será localizada na lateral esquerda para ampliar a evidência de estruturas de pedra do antigo alicerce já identificadas;
- V. quadrícula 6L será localizada na lateral direita para evidenciar eventuais estruturas complementares à edificação;
- VI. quadrícula 4N será localizada na retaguarda direita (no alinhamento da parede lateral esquerda) para verificar prolongamento da mesma até à área do altar;
- VII. quadrícula 5O será localizada na retaguarda esquerda (no alinhamento da parede lateral direita) para verificar o prolongamento da mesma até à área do altar;
- VIII. quadrícula 4I na área interna da Capela para verificar a presença de eventuais materiais arqueológicos, na forma de vestígios e estruturas. (IPHAN,2014)

A medição foi feita a partir de níveis arbitrários de 10cm e a profundidade foi sendo estabelecida de acordo com o potencial informativo de cada área e o quanto cada quadrícula respondia a problemática a ela associada. Sobre os critérios de escolha da escavação em níveis artificiais o projeto ressalta que

Dado o fato que as unidades de escavação estão vinculadas a um monumento edificado, no qual ocorreram no mínimo três reformas, acredita-se que a escavação por níveis arbitrários seria a mais indicada neste contexto, uma vez que as edificações sempre pressupõem movimentações de terras e alterações das características deposicionais originárias, um processo comum no estabelecimento de uma sequência estratigráfica arqueológica.

À medida que forem sendo evidenciados, os vestígios arqueológicos deverão permanecer *in situ* para que as atividades de registro, tais como o desenho, fotografia e topografia, possam ser desenvolvidas. (IPHAN, 2014)

Como rotineiro em trabalhos de arqueologia que envolvem escavações, todas as informações relacionadas a estratigrafia foram registradas em uma ficha de que foi criteriosamente preenchida após a retirada de cada nível artificial:

Tabela 1– Ficha de Controle estratigráfico

Sítio.....	Data.....
Local.....	
Unidade de escavação.....	Camada.....
Origem da camada.....	
Nível arbitrário.....	Tipo de sedimento.....
Coloração (olho).....	Coloração (munsell).....
Observações adicionais.....	
.....	
.....	
.....	
.....	
Croqui:	

(Fonte: IPHAN, 2014)

Os dados de registro espacial são fundamentais em Arqueologia e foram feitos considerando as atividades de documentação e coleta e foram obedecidas as seguintes etapas:

- Coleta dos vestígios;
- Levantamentos topográficos;
- Documentação escrita e visual.

O procedimento de coleta seguiu com os devidos registros e foi documentado com o preenchimento de etiquetas:

Tabela 2- Etiqueta de Material Coletado

Número de etiqueta.....	
Nome do sítio:.....	
Projeto/Campanha:.....	Data.....
Local.....	
Tipo de vestígio.....	Quadrícula.....
Ponto topográfico.....	Nível.....
Observações.....	Camada.....
Responsável.....	

(Fonte: IPHAN, 2014)

Seguindo as instruções contidas no projeto:

Vale ressaltar que os vestígios a serem coletados correspondem apenas aos vestígios arqueológicos móveis, dentre os quais podemos destacar as louças, as cerâmicas, os materiais de olaria, o material vítreo, os metais, as amostras de sedimentos e os materiais orgânicos. Os vestígios arqueológicos imóveis correspondem a todos os vestígios arqueológicos que estão fixos, circunscritos à espacialidade do sítio. A título de exemplo, elencam-se a própria capela da Mata Fresca, além dos alicerces, dos pisos e dos batentes eventualmente soterrados, assim como os alinhamentos ou amontoados de blocos etc.

[...] Uma vez que a coleta será sempre auxiliada pela plotagem através de instrumento topográfico, o campo “ponto topográfico” deve corresponder ao local exato de levantamento do vestígio que será registrado tanto na memória do aparelho topográfico utilizado, quanto no preenchimento das fichas topográficas e das etiquetas. (IPHAN, 2014)

Os levantamentos e registros topográficos foram feitos com auxílio de Estação Total e em poligonal aberta, com a possibilidade de movimentação de alinhamento em estações definidas no sítio. Os dados topográficos foram documentados de acordo com os seguintes critérios:

Tabela 3- Ficha Topográfica

PONTO	X	Y	Z	DESCRIÇÃO	NÍVEL	CAMADA	ETIQUETA	UNIDADE DE ESCAVAÇÃO	OBSERVAÇÃO	DATA

(Fonte: IPHAN, 2014)

As peculiaridades que dizem respeito aos levantamentos de topografia dependem do objeto de estudo e dos resultados esperados. Para o desenvolvimento da escavação na capela o projeto convencionou as atividades principais para o sítio (IPHAN, 2014):

- A) *levantamento inicial planialtimétrico – corresponderá à tomada de medições do estado atual do sítio previamente às intervenções arqueológicas ou arquitetônicas. Este levantamento privilegiará a tomada de medições dos desníveis do terreno e a delimitação poligonal da capela. Como resultado, gerará uma planta com curvas de nível da situação inicial do sítio. As plantas de curvas de nível servem para “indicar o relevo de la superficie del yacimiento en un período determinado, obtenido a través de la documentación de una serie de cotas” (Harris, 1991).*
- B) *Levantamentos de escavação – corresponderá à tomada de medições da situação das unidades de escavação à medida que elas avançarem,*

seja em ampliações ou em profundidade. Estas medições estarão relacionadas com a mecânica de escavação das unidades e gerarão representações gráficas sucessivas onde poderá ser visualizada toda a evolução das escavações.

- C) *Levantamento final – corresponderá à tomada de medições da situação final do sítio, após as intervenções arqueológicas. Gerará uma planta com curvas de nível das unidades de escavação para que possa ser interpretado o comportamento do solo em profundidade após as atividades de escavação.*

Seguindo recomendações do projeto da superintendência do Instituto Histórico e Artístico Nacional do Ceará foram feitas pesquisas relacionadas aos conceitos de Topografia que pudessem auxiliar a equipe durante o processo. A documentação escrita e visual foi registrada por meio de fotografias, caderno de campo, desenhos estratigráficos com as devidas representações das camadas e croquis.

Além da metodologia de escavação o projeto ainda sugere medidas que possibilitem ampla divulgação da pesquisa:

[...] as formas de divulgação dos resultados obtidos, reunidas sob a designação de Educação Patrimonial, ganharão forma através de palestras voltadas à comunidade em geral, visitas monitoradas à escavação da Capela de Nossa Senhora da Soledade. Alguns estudantes de Ensino Fundamental, Médio e Superior participarão deste processo de educação patrimonial de forma mais direta, através das pesquisas de campo e laboratório[...] (IPHAN, 2014).

Considerando as exigências da Superintendência do IPHAN-CE, foi possível obter um leque de dados importantes para as questões levantadas sobre padrões construtivos e sobre a dinâmica temporal associada aos usos do espaço da capela. No entanto, nas primeiras semanas de escavação foram expostas novas necessidades relativas aos procedimentos em campo, nas quais emergiam questões sobre a ampliação dos métodos de divulgação científica utilizados e suas eficácias na região.

Participaram da campanha de escavação seis pessoas da comunidade que haviam feito um curso de treinamento e se prontificaram para a realização do trabalho e um historiador. Estavam na equipe de escavação: Luciélío Silva, Francisco de Assis, Roberta Rebouças, Ivanice Santos, Jonas Silva, Daniel e Manoel de Freitas Filho, que foram auxiliares de pesquisa bolsistas.

Algumas situações nos levaram a traçar novos objetivos que contemplassem as comunidades do entorno e uma destas situações foi a recorrente procura por

comunidades de municípios limítrofes pertencentes ao Ceará e ao Rio Grande do Norte que pretendiam velar ou batizar parentes na capela.

Dentre estes novos objetivos para execução de ações de socialização do projeto em concomitância com a escavação e a demanda do forte apelo religioso na região estavam:

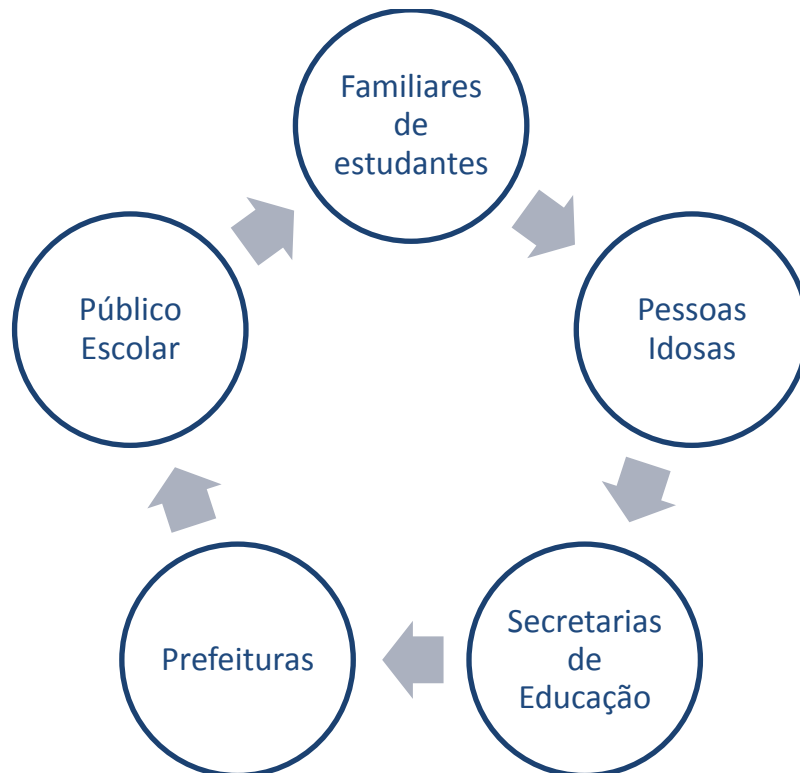
- *Reforçar as vias de diálogo entre públicos e equipe técnica;*
- *Visitar o maior número de comunidades que fosse possível que tivesse algum tipo de relação de memória e identidade com a capela para entrar em acordo sobre o uso provisório do espaço;*
- *Ampliar a divulgação do projeto de escavação da Capela da Mata Fresca para aperfeiçoar o relacionamento entre a pesquisa e os rituais populares;*
- *Estimular a participação popular em pesquisas de levantamento bibliográfico que constará no memorial com o acervo da Capela da Mata Fresca.*

A curiosidade entorno da atividade arqueológica na capela foi recorrente em todos os espaços visitados, mas embora todas as comunidades circunvizinhas tivessem algum tipo de relação de identidade com o sítio, essa relação variava e, por vezes, oscilava entre memórias individuais e coletivas.

Nem todos os envolvidos tinham parentes que haviam sido batizados ou sepultados na capela, mas havia sempre nas narrativas lembranças associadas ao espaço e a paisagem. A intenção seria abarcar grande parte das manifestações representadas pelos atores sociais.

Além das atividades nas escolas, praças e centros culturais, seria necessário o diálogo da equipe de escavação com as prefeituras dos municípios de Aracati-CE, Icapuí-CE e Mossoró-RN e com suas respectivas secretarias ou diretorias de cultura e educação. A ideia de propagar o projeto em distintos segmentos da sociedade e faixas etárias, e agendar visitas guiadas a área escavada poderia ser ampliada com o auxílio dos gestores públicos.

Figura-2: Ciclo representando os públicos que se pretendia alcançar



(Fonte: ARAGÃO, 2014)

Alcançando a meta proposta teríamos soluções na comunicação, mas principalmente seria formado um ciclo efetivo que permaneceria após a escavação e teria eficácia no apoio à etapa de restauro e gestão do acervo oriundo do campo, acervo este que ficará na própria comunidade.

3.1 Praticando arqueologia na Mata Fresca

*[...] a memória é seletiva, a lembrança diz respeito ao passado, mas se atualiza sempre a partir de um ponto do presente.
Miriam Gondeberg (2004, p. 56)*

O projeto de escavação corresponde às exigências vigentes no Termo de Ajustamento de Conduta que prevê em seu segundo item ações que colaborem com a interação e divulgação do bem em questão com a comunidade na qual estejam envolvidas pessoas da região ou mesmo de comunidades circunvizinhas que demonstrem interesse e afinco com o trabalho arqueológico. Tais critérios foram avaliados em um curso ministrado antes do início das escavações e a seleção dos

auxiliares de pesquisa bolsistas foi feita por etapas.

No curso foram considerados aspectos que envolviam a relevância da capela da Mata Fresca como uma das mais importantes do Vale do Jaguaribe, a apresentação das intenções do projeto, uma explanação geral sobre a ciência arqueológica, bem como seus métodos e técnicas, e o treinamento dos envolvidos para o campo e auxílio nas pesquisas bibliográficas e de laboratório.

Antes de pontuar a importância dos membros da comunidade no projeto, será de grande clareza entender o contexto em que vivem essas pessoas e pensá-los como sujeitos que sustentam o processo de ensino e aprendizado que os discursos de conservação arqueológica tanto fomentam, principalmente no âmbito da Educação Patrimonial.

É interessante ressaltar que a comunidade Mata Fresca é composta por públicos distintos que variam faixa etária, no entanto tendem a ter os mesmos propósitos de trabalho que correspondem ao cultivo e agricultura.

Em entrevista, constatou-se que a maioria dos jovens cursa o ensino médio e esboça interesse em trabalhos que estejam ligados ao plantio. Neste sentido, desenvolve-se na região uma tendência aos estudos da Agronomia nas universidades mais próximas que ficam em Mossoró e Natal/RN, e ainda em Fortaleza/CE.

Este fato nos levou a entender o quanto o projeto poderia colaborar não apenas no que diz respeito à aproximação dos jovens com a Arqueologia, mas na própria aproximação dos mesmos com os métodos de topografia, importantes para a engenharia agrônoma.

Cientes dos efeitos que a prática com os aparelhos de topografia poderia fornecer foi realizada uma oficina de topografia com os jovens da comunidade e com os demais membros da equipe técnica visando o aperfeiçoamento do uso da estação total.

Foto-2: Oficina de topografia direcionada à comunidade



Fonte: Mafrense, 2014.

Foto-3: Oficina de topografia direcionada à comunidade



Fonte: Mafrense, 2014.

As atividades de escavação na capela foram iniciadas no dia 21 de julho de 2014 com a abertura das quadrículas na parte externa que correspondem ao perímetro das ruínas do muro de pedra, que seria a antiga sacristia.

O início das atividades contou com a realização de uma visita a Estação Ambiental. A ida à estação ambiental de Icapuí teve o intuito de conhecer os ecossistemas, sustentabilidade e conservação ambiental da região. No ato os participantes observaram como ocorre o processo de plantio e preservação do mangue, dentre outras atividades realizadas no espaço.

Na ocasião foi apresentado um vídeo que expôs, de forma didática, o benefício da integração de comunidades nos projetos que envolvem pesquisas científicas na região de Icapuí. Bem como fizemos discussões sobre o quanto a participação dos bolsistas na etapa do projeto de arqueologia da capela da Mata Fresca pode beneficiar tanto economicamente, quanto na possível formação dos referidos estudantes, tornando-os agentes participativos na conservação de sítios arqueológicos e na manutenção de suas memórias individuais e coletivas.

Foto- 4: *Plantio de ervas medicinais*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 5:
*Apresentação de
atividades
realizadas no
local*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 6: *Visita a
biblioteca da
estação
ambiental*



Fonte: Aragão, 2014.

Estes foram alguns personagens que difundiram o trabalho aos públicos mais variados e contribuíram para a divulgação da pesquisa, bem como inspiraram as outras pessoas a conhecerem a Arqueologia.

Foto- 7: Início da escavação



Fonte: Mafrense, 2014.

Foto- 8: Início da escavação



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 9:
*Processo de
escavação*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 10: *Início
das escavações
nas quadículas
K3 E L3*



Fonte: Aragão, 2014.

Na sequência, ocorreram algumas atividades de socialização do conhecimento arqueológico com a comunidade da Mata Fresca e foi organizada a primeira semana de atividades de laboratório na qual os bolsistas puderam acompanhar todas as etapas referentes à higienização e organização do acervo.

A campanha de escavação de julho de 2014 se prolongou até janeiro de 2015 e nesta desenvolveu-se o que poderíamos facilmente classificar como um trabalho de colaboração. Foram meses de intensa responsabilidade com o projeto e com o compromisso do trabalho de socialização com as pessoas que não estiveram diretamente envolvidas na escavação.

Foto- 11: *Início das escavações*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto 12- *Início das escavações*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto 13- *Início das escavações*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto 14- *Início das escavações*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto 15- Início das escavações



Fonte: Aragão, 2014.

A trajetória que se desenvolve daí em diante será composta por pessoas que carregam em suas vidas uma forte relação de memória e identidade com o sítio escavado e que ensinaram muito sobre os possíveis usos da terra e os locais estratégicos para os sepultamentos de outrora.

Pressupõe-se que para considerar algo como patrimônio há, antes de qualquer coisa, uma identificação com o bem cultural e a mencionada identificação refere-se aos anseios individuais e as histórias de vida de cada membro da sociedade que quando compartilhadas parte-se ao que consideramos como medidas de conservação do patrimônio arqueológico. A questão é que embora exista um patrimônio coletivo, as cadeias de significâncias e significados que levam os sujeitos a intervirem ou não na proteção dos bens são diferentes.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993; p.7)

Os acontecimentos e suas respectivas lembranças levam os sujeitos a

criarem emblemas e símbolos carregados de significados que podem ser relacionados a lugares específicos.

Além dos acontecimentos e dos personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma pessoa relembração de um período que a viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. (POLLAK, 1989 p. 202)

Relevando as diversas motivações que levaram as famílias a se identificarem com o bem em questão, a equipe que envolveu os jovens do povoado na escavação, fazia reuniões nas quais foram desenvolvidos roteiros de atividades em campo, seguindo sugestões deles e do historiador. Frequentemente eram discutidas referências bibliográficas aplicadas na prática e feitas visitas aos arquivos públicos e paroquiais que pudessem nos esclarecer sobre o que estava sendo encontrado e o que mais tarde seria a maior surpresa para todos, inclusive para o pároco vigente, Padre Lopes, responsável pelas tomadas de decisões na Capela da Mata Fresca: os sepultamentos na área que seria correspondente a antiga sacristia.

O processamento de dados da escavação foi executado em todas as etapas por todos os auxiliares de pesquisa que aperfeiçoaram habilidades voltadas não apenas para a escavação, mas que iam da pesquisa bibliográfica até o trabalho de laboratório.

A diante, uma tabela representando as quadrículas escavadas e outra com a descrição dos materiais coletados. As tabelas apresentam o material encontrado nos primeiros níveis das quadrículas. Todo o material documentado e numerado foi resultado da parceria entre pesquisadores e auxiliares de pesquisa moradores da comunidade da Mata Fresca e Tanque do Lima. Em todas as quadrículas nomeadas por K2, K3, L2, L3, M2, M3, N2, L7 e M7, etc., foi estabelecida a descida de níveis artificiais considerados a cada 10 cm, conforme previstos anteriormente na metodologia.

Nas quadrículas K2, K3, L2, L3, M2, M3 e N2, existia notória diferença não apenas em quantidade, mas em tipos de materiais que foram encontrados em relação as quadrículas L7 e M7. Enquanto nas quadrículas L7 e M7 não aparecia

material que não fosse construtivo e fragmentos de carvão dispersos, nas outras surgiram do primeiro nível ao quarto nível fragmentos de ossos, ferro, sílex, cerâmica, material malacológico e materiais construtivos referentes a reformas mais recentes, bem como associados aos blocos de pedra maiores que foram evidenciados desde a superfície.

Especialmente na quadrícula K2 apareceram ossos de um mesmo indivíduo e no qual se percebia desde a característica laminar dos ossos do crânio a ossos do esqueleto axial e apendicular.

Tabela-4: Quadrículas escavadas

QUADRÍCULA: K-2		
NÍVEL ATUAL: 03 - 30 cm		
MATERIAL COLETADO:		
NÍVEL 01 - 10 cm:	NÍVEL 02 - 20 cm:	NÍVEL 03 - 30 cm:
Ossos: 16 fragmentos	Ossos: 03 fragmentos	Sílex: 03 fragmentos
Dentes: 05 fragmentos	Sílex: 01 fragmento	Ferro: 02 fragmentos
Conchas: 03 fragmentos	Carvão: 01 fragmento	-
Cerâmicas: 01 fragmento	-	-

QUADRÍCULA: K-3		
NÍVEL ATUAL: 03 - 30 cm		
MATERIAL COLETADO:		
NÍVEL 01 - 10 cm:	NÍVEL 02 - 20 cm:	NÍVEL 03 - 30 cm:
-	Ossos: 07 fragmentos	Ossos: 21 fragmentos
-	Dentes: 01 fragmento	Ferro: 01 fragmento
-	-	Sílex: 01 fragmento

QUADRÍCULA: L-2		
NÍVEL ATUAL: 03 - 30 cm		
MATERIAL COLETADO:		
NÍVEL 01 - 10 cm:	NÍVEL 02 - 20 cm:	NÍVEL 03 - 30 cm:
Ossos: 01 fragmento	Ossos: 04 fragmentos	Ossos: 01 fragmento
Sílex: 01 fragmento	Sílex: 01 fragmento	-

QUADRÍCULA: L-3		
NÍVEL ATUAL: 03 - 30 cm		
MATERIAL COLETADO:		
NÍVEL 01 - 10 cm:	NÍVEL 02 - 20 cm:	NÍVEL 03 - 30 cm:
Ossos: 03 fragmentos	Ossos: 02 fragmentos	Ossos: 07 fragmentos
Ferros: 01 fragmento	Conchas: 02 fragmentos	Dentes: 01 fragmento
-	Carvão: 02 fragmentos	Conchas: 01 fragmento
-	Dentes: 01 fragmento	-
-	Parafina: 01 fragmento	-
-	Ferros: 01 fragmento	-

QUADRÍCULA: L-7		
NÍVEL ATUAL: 03 - 46 cm		
MATERIAL COLETADO:		
NÍVEL 01 - 26 cm:	NÍVEL 02 - 36 cm:	NÍVEL 03 - 46 cm:
-	Carvão: 01 fragmento	-

QUADRÍCULA: M-2		
NÍVEL ATUAL: 03 - 30 cm		
MATERIAL COLETADO:		
NÍVEL 01 - 10 cm:	NÍVEL 02 - 20 cm:	NÍVEL 03 - 30 cm:
-	-	Ossos: 01 fragmento

QUADRÍCULA: M-3		
NÍVEL ATUAL: 03 - 30 cm		
MATERIAL COLETADO:		
NÍVEL 01 - 10 cm:	NÍVEL 02 - 20 cm:	NÍVEL 03 - 30 cm:
Ferros: 10 fragmentos	Sílex: 02 fragmentos	
Louças: 01 fragmento	Ferros: 02 fragmentos	
-	Cerâmicas: 01 fragmento	

QUADRÍCULA: M-7		
NÍVEL ATUAL: 03 - 46 cm		
MATERIAL COLETADO:		
NÍVEL 01 - 26 cm:	NÍVEL 02 - 36 cm:	NÍVEL 03 - 46 cm
-	-	

QUADRÍCULA: N-2		
NÍVEL ATUAL: 03 - 30 cm		
MATERIAL COLETADO:		
NÍVEL 01 - 10 cm:	NÍVEL 02 - 20 cm:	NÍVEL 03 - 30 cm
Ossos: 05 fragmentos	-	-
Dentes: 01 fragmento	-	-
Conchas: 01 fragmento	-	-

Tabela-5:Material coletado

ETIQUETA	VESTÍGIO	QUADRÍCULA	NÍVEL	OBSERVAÇÃO	DATA
MTF-001	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-002	DENTE	K-3	1		18/07/2014
MTF-003	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-004	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-005	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-006	DENTE	K-3	1	MOLAR	18/07/2014
MTF-007	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-008	OSSOS	K-3	1		18/07/2014

MTF-009	CERÂMICA	K-3	1		18/07/2014
MTF-010	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-011	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-012	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-013	DENTE	K-3	1		18/07/2014
MTF-014	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-015	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-016	DENTE	K-3	1	PRÉ-MOLAR	18/07/2014
MTF-017	MALACOLÓGICO	K-3	1		18/07/2014
MTF-018	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-019	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-020	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-021	MALACOLÓGICO	K-3	1		18/07/2014
MTF-022	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-023	DENTE	K-3	1		18/07/2014
MTF-024	OSSOS	K-3	1		18/07/2014
MTF-025	MALACOLÓGICO	K-3	1		18/07/2014
MTF-026	OSSOS	L-3	1		18/07/2014
MTF-027	FERRO	L-3	1	PREGO	18/07/2014
MTF-028	OSSOS	L-3	1		24/07/2014
MTF-029	OSSOS	L-3	1		24/07/2014
MTF-030	OSSOS	N-2	1		24/07/2014
MTF-031	OSSOS	N-2	1		24/07/2014
MTF-032	OSSOS	N-2	1		24/07/2014
MTF-033	OSSOS	N-2	1		25/07/2014
MTF-034	OSSOS	N-2	1		25/07/2014
MTF-035	DENTE	N-2	1		25/07/2014
MTF-036	MALACOLÓGICO	N-2	1		25/07/2014
MTF-037	SÍLEX	K-3	2		25/07/2014
MTF-038	OSSOS	K-3	2		25/07/2014

MTF-039	OSSOS	K-3	2		25/07/2014
MTF-040	CARVÃO	L-3	2		25/07/2014
MTF-041	MALACOLÓGICO	L-3	2		25/07/2014
MTF-042	MALACOLÓGICO	L-3	2		25/07/2014
MTF-043	PARAFINA	L-3	2	RESTO DE VELA	25/07/2014
MTF-044	DENTE	K-3	2	MOLAR	28/07/2014
MTF-045	OSSOS	K-3	2		28/07/2014
MTF-046	OSSOS	K-3	2		28/07/2014
MTF-047	OSSOS	K-3	2		28/07/2014
MTF-048	OSSOS	K-3	2		28/07/2014
MTF-049	OSSOS	K-3	2		28/07/2014
MTF-050	OSSOS	K-3	2		28/07/2014

Fonte: Relatório Parcial, 2014.

Entre os dias 11 a 15 de Agosto ocorreu a primeira semana de atividades de laboratório e os participantes da equipe conheceram a forma de higienização, processo de numeração e organização do material ósseo, lítico e ferro, coletado durante o processo de escavação da capela da Mata Fresca.



Foto- 16:
Separação do
material por
categoria

Fonte: Castro, 2014.

Foto- 17:
*Limpeza do
material*



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 18:
*Numeração do
material*



Fonte: Santos, 2014.

A participação dos bolsistas nesta etapa do trabalho de arqueologia favoreceu o entendimento sobre os vários processos da pesquisa arqueológica. O processo de limpeza e numeração de peças gerou na equipe questionamentos sobre os tipos de

materiais vistos e levou a reflexões sobre o passado. Os trabalhos de campo e laboratório foram realizados buscando aplicar a teoria, a técnica, e associá-las ao conhecimento popular a respeito da capela.

Sobre materiais como pregos, cerâmica e materiais construtivos procurou-se entender sobre as técnicas construtivas do passado, os materiais apropriados para aqueles contextos e as relações econômicas que influenciaram a escolha dos mesmos por sociedades pretéritas.

Com relação ossos procuramos pontuar minimamente os processos tafonômicos (morte, necrólise, desarticulação, transporte, soterramento e diagênese) que, neste contexto, podem definir questões deposicionais de ossos e o quanto isso influencia nas definições dos conceitos de sepultamento ou enterramento em sítios arqueológicos.

Foto- 19:
*Processo de
numeração*



Fonte: Silva, 2014.

Conforme a continuidade da escavação, mais material se dispunha para as etapas de laboratório e processamento de dados que foi feita de forma intercalada no projeto.

Concluindo um setor de escavação, partia-se para mais uma etapa no laboratório e nas atividades de processamento de dados. E as intervenções nas escolas foram realizadas periodicamente de acordo como as informações que eram obtidas em cada etapa.

As visitas à área de escavação eram frequentes. Pessoas de diversas regiões, universidades e escolas tinham interesse em saber o que estava acontecendo na capela e a notícia que a equipe estaria encontrando “ossos de gente” levou alguns moradores mais antigos a indagarem questões de ancestralidade com os sepultados na capela.

Foto- 20: Visita de moradores de comunidades vizinhas



Fonte: Freitas, 2014.

Foto- 21: Visita de moradores de comunidades vizinhas



Fonte: Silva, 2014.

Em uma rotineira tarde de sábado uma família procurou a equipe de escavação solicitando a abertura imediata da capela alegando que um idoso da comunidade de Cajazeiras havia falecido e exigiu em seus últimos pedidos que seu corpo fosse velado dentro da capela que significou toda a trajetória religiosa de sua família, trajetória que envolvia batismos, missas, novenas e velórios.

Ficamos por alguns momentos perplexos com a súplica do morador, considerando que a escavação na parte externa já havia começado e as quadrículas estavam todas abertas com os respectivos piquetes posicionados. Mas não havia como resolver a situação de outra forma que não fosse a mais amistosa e que contemplasse aquele universo de pertencimento e identidade havia sido escancarado naquele instante.

Imediatamente telefonamos para os arqueólogos da superintendência do IPHAN-CE que, com algumas recomendações, permitiram a abertura do sítio para a realização do velório. Limpamos a parte externa da capela e, naquele cenário, entre baldes, ferramentas pesadas e pinceis ocorreu a despedida dos jovens do seu velho avô.

Depois do acontecimento, reunimo-nos arqueóloga, historiador, auxiliares de pesquisa e demais membros da comunidade e repensamos a abordagem vigente até aquele momento.

Foram traçadas novas perspectivas metodológicas que pudessem viabilizar o alcance dos objetivos agora propostos e nelas as ações e diálogos com as pessoas tomaram uma maior proporção. Neste momento, aconteceram reuniões com os moradores da Mata Fresca que estabeleceram diretrizes que enfatizaram os públicos com os quais havia maior emergência de interação e com os quais se pretendia dialogar:

Todas as intervenções nas escolas eram programadas com, no mínimo, dois dias de antecedência para que fosse analisado o perfil da escola em questão e dos alunos que nela estudavam e em seguida organizar as oficinas que teriam maior destaque dentro do cenário. Assim como as pautas discutidas com coordenadores pedagógicos e gestores públicos foram previamente sistematizadas.

Cinco principais núcleos de desenvolvimento prático da atividade arqueológica serviram como parâmetro para serem reformulados nas oficinas pedagógicas, facilitando a comunicação com diversos públicos:

1. *Apresentação do projeto (parte expositiva) e definições dos conceitos de Arqueologia;*
2. *Salas de produção artística (pintura, corte e colagem, dança, teatro e música);*
3. *Oficina de escavação em sítio simulado;*
4. *Oficina “mão na massa”: Uma tentativa de reproduzir vasos cerâmicos ou quaisquer artefatos arqueológicos que intrigassem determinado público;*
5. *Oficina de exposição e práticas experimentais do material lítico.*

O plano de ação foi pensado procurando associar a obtenção da informação sobre a escavação transformando-a em conhecimento. Para isso seria necessário transcender as questões atreladas apenas à transmissão de conteúdo e estimular de alguma forma o desenvolvimento da percepção e criatividade voltadas ao estudo que estava sendo desenvolvido. Sempre lembrando que o ser humano é um ser criativo, nasce com tal habilidade, que pode ser ampliada e desenvolvida através do meio em que vive independente da cultura e do desenvolvimento interno de seu ser, assim explorando e estimulando sua criatividade no cotidiano (SANS, 2001), nesse sentido, acreditamos no processo criativo lúdico como uma alternativa válida independente da faixa etária dos envolvidos.

3.2 Elaboração das oficinas de Educação Patrimonial: Hora de “pôr a mão na massa”

É interessante salientar que as ações que envolvem pessoas residentes em comunidades próximas a sítios arqueológicos é recomendação frequente em projetos de arqueologia. De acordo com Funari e Bastos, “através da educação patrimonial o cidadão torna-se capaz de entender sua importância no processo cultural em que ele faz parte, cria uma transformação positiva entre a relação dele e do patrimônio cultural” (BASTOS& FUNARI, 2008: 1131).

Por isso são recorrentes diretrizes que contemplem esta questão. A seguir um trecho com recomendações contidas no Termo de Ajustamento de Conduta que estabelece alguns parâmetros para a aplicação da metodologia de Educação Patrimonial:

II. REALIZAR AÇÕES EDUCATIVAS VOLTADAS PARA A TEMÁTICA PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL

As atividades de educação patrimonial terão como público alvo as escolas e outros grupos organizados existentes na área de pesquisa e no seu entorno próximo, realizando-se as seguintes atividades:

a) ações educativas diversas que envolvam, no mínimo, 5 (cinco) grupos diferenciados, devendo ser realizados, no mínimo, 3 (três) encontros por grupo; b) exposição de uma coleção didática recuperada no local, depois de analisada. O material deverá ser exposto conforme critérios técnicos e de segurança específicos; c) elaboração e impressão de uma cartilha educativa destinada ao público participante das oficinas, devidamente aprovada pela equipe técnica do IPHAN; d) na elaboração do Programa de Educação Patrimonial deverão constar os referenciais teóricos e metodológicos que nortearam as ações educativas.

As atividades de educação Patrimonial serão desenvolvidas por uma equipe interdisciplinar composta pelos profissionais referidos no tópico anterior – historiador, arqueólogo, geógrafo, cientista social ou antropólogo – devendo ser acrescentado à equipe um profissional da área de educação que coordenará o Programa de Educação Patrimonial. (TAC.IPHAN, 2014)

Contudo, os posicionamentos a serem tidos acerca da aplicação dos métodos educativos em Arqueologia, assim como o entendimento que se deve ter sobre o conceito de **educação** seriam melhor aplicados ao perceber que a retórica neoliberal influencia o campo ideológico na tentativa de moldar os indivíduos de acordo com sua lógica dominante buscando, assim, articular interesses e determinar as políticas educacionais (SANTOS,2008). Então, limitar-se a este molde seria circular por um labirinto que torna cada vez mais distante o aprendizado voltado para a **produção do conhecimento** e não somente à **transmissão da informação**.

Milton Santos analisa que:

Estamos diante de um novo “encantamento do mundo”, no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim. Esse imperativo e essa onipresença da informação são insidiosos, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e um outro, pelo qual ela busca convencer (SANTOS, 2008, p. 39).

Não há desta forma, maneira de se falar na emergência que se manifesta ao longo do processo em *atribuir* a estes personagens funções autônomas que fossem eficazes para atingir os objetivos propostos. A interação, teoricamente, seria o caminho a ser seguido em busca deste ideal. Ao citarmos a palavra *atribuição* queremos, assim, substituir o termo “*voz*”, frequentemente proferido nos discursos que tratam de Arqueologia e da atuação de moradores de comunidades tradicionais em decisões públicas.

Neste caso, a intenção jamais foi “*dar voz*” a quem quer que fosse por entendermos que, enquanto seres humanos e cidadãos, a condição da comunicação

é inerente a todos nós! No entanto, vale lembrar que os parâmetros educacionais brasileiros em quaisquer esferas ainda levam consigo heranças “ditatoriais” que delimitam a incorporação de decisões políticas destas pessoas sobre o patrimônio coletivo que, majoritariamente aparece em referências bibliográficas representando a história da elite, a história do branco burguês.

Implicitamente, as investidas na alteração deste sistema parece uma ameaça ao padrão de ensino tão vulnerável onde nossa sociedade desenvolve os limites das ações dos atores sociais. Assim, algumas iniciativas de comunicação das classes alienadas por este sistema com os demais membros da sociedade, beira ao assistencialismo incrédulo, subestimando as reais possibilidades de atuação de um povo. Conforme sustenta Paulo Freire em sua obra *Educação como Prática da Liberdade*:

Criam instituições assistenciais, que alongam em assistencialistas. E, em nome da liberdade “ameaçada”, repelem a participação do povo. Defendem uma democracia *sui generis* em que o povo é um enfermo, a quem se aplicam remédios. E sua enfermidade está precisamente em ter voz e participação. Toda vez que tente expressar-se livremente e pretenda participar é sinal de que continua enfermo, necessitando, assim, de mais “remédio”. A saúde, para esta estranha democracia, está no silêncio do povo, na sua quietude. Está na, “sociedade fechada”. No imobilismo. Daí que falem tanto os defensores dessa “democracia” na necessidade de preservar o povo do que chamam de “idéias exóticas”, em última análise, tudo que possa contribuir para a presença atuante do povo no seu processo histórico (FREIRE, 1999, p.55)

O autor ainda percebeu tal fragilidade ao tratar da história da educação e das linhas de desenvolvimento da mesma no Brasil.

Esta é uma das grandes subversões do Golpe militar brasileiro. Por isso, a atitude subversiva é essencialmente comandada por apetites, conscientes ou não, de privilégios. Daí a subversão não ser apenas de quem, não tendo privilégios, queira tê-los, mas também daqueles que, tendo-os, pretendam mantê-los. Por isso mesmo, numa sociedade em transição como a nossa, subversivo tanto era o homem comum, “emergente” em posição ingênua no processo histórico, em busca de privilégios, como subversivo era e é aquele que pretendia e pretende manter uma ordem defasada. Ora, não é possível ou é quase impossível viver uma sociedade um clima histórico-cultural como este, sem que se desencadeassem forças intensamente emocionais. São os resultados dos próprios embates das contradições. Este clima emocional, alongado em irracionalismos, é que gerava, alimentava e fazia crescer as posições sectárias. Nos que pretendiam deter a História, para, assim, manter seus privilégios. Nos que pretendiam antecipar a História, para, assim, “acabar” com os privilégios (FREIRE, 1999, p.55).

Assim, a educação acima mencionada deve estar contida no processo de

execução dos projetos e não apenas na gestão de seus resultados demonstrando aos gestores municipais que a parceria entre secretarias de educação e membros de comunidades não se trata apenas de um remédio provisório para mitigar os impactos dos projetos nas regiões, mas seria um enorme passo para resolução de problemas causados pela lacuna deixada por ocasião da negligência com bens arqueológicos.

As atividades de Educação Patrimonial foram constantes durante todo o período de escavação da capela e, algumas vezes eram estendidas aos fins de semana, quando os adultos e idosos dispunham de maior tempo.

As ações educativas foram desenvolvidas por entendê-las como “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional, centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (HORTA, 1999). As etapas que seguem os caminhos da transformação da informação em conhecimento estão contidas de forma didática no seguinte quadro:

Quadro 4 - Objetivos, etapas, recursos e atividades do método da Educação Patrimonial (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999)

Objetivos	Etapas	Recursos e Atividades
Identificação do objeto, função, significado; Desenvolvimento da percepção visual e simbólica;	Observação	Exercícios de percepção visual e sensorial, por meios de perguntas, manipulação, experimentação, mediação, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive...
Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; Desenvolvimento de memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional;	Registro	Desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, plantas baixas.
Desenvolvimento das capacidades de análise julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.	Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas.
Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto- expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.	Apropriação	Recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.

Fonte: Horta (1999)

No entanto, a diferença de programas executados somente com profissionais especializados em relação aos que são feitos com os moradores como sendo os principais mediadores é imensa. Quando a iniciativa parte das comunidades envolvidas nas campanhas os efeitos são maiores, assim como instiga os outros sujeitos que não estão diretamente envolvidos na causa, gerando inquietações que levam a conhecer as pesquisas arqueológicas e suas etapas correspondentes.

A Arqueologia se caracteriza por ser uma ciência que, embora detenha um corpo teórico de certa forma consolidado, inclui abordagens muito técnicas, principalmente no trabalho de escavação. Contudo, se pode citar como exemplo a prática da Educação Patrimonial e seus inúmeros mecanismos de exercício da criatividade e implementação de atividades que fornece a ciência certa liberdade.

Sendo assim, ao pensar no *projeto* de Educação Patrimonial seria fundamental orientar-se através da etimologia da palavra que muito diz sobre a abordagem. A palavra 'projeto', do latim '*projicere*', significa lançar, projetar adiante, agregando a noção de problema por influencia grega (*ballein*). Unindo-as entendemos a dimensão de seu significado que engloba a capacidade humana de intervir de forma dinâmica, podendo adaptar, mover e criar o mundo em que vive (VALE, 2010,p.11).

No início do século vinte John Dewey profere a frase 'learningbydoing', que significa que o processo de aprendizagem é bem sucedido através do contato com a experiência, enfatizando que o aprendizado escolar deve ser prolongado para a vida por ser a própria instituição escolar parte da vida (DEWEY, 1997).

A abordagem através da elaboração do projeto de Educação Patrimonial com om jovens participantes da escavação poderia projetar rumo ao futuro, sendo que a experiência captada no processo de percepção criativa permaneceria dentro de cada um não apenas como informação, mas como conhecimento.

Neste sentido, em reunião com os bolsistas foram pensadas em três etapas que correspondiam ao processo de alcance do projeto em outros segmentos sociais e as possibilidades de gestão participativa a ele associados. As etapas foram subdivididas em três fases cada, conforme segue:

PRIMEIRA ETAPA- DIRECIONADA A IDENTIFICAÇÃO DAS MEMÓRIAS COLETIVAS E A SUBJETIVIDADE A ELAS ASSOCIADAS



SEGUNDA ETAPA- DIRECIONADA A PARTICIPAÇÃO DE SECRETARIAS, PREFEITURAS E ESCOLAS LOCAIS



TERCEIRA ETAPA- DIRECIONADA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E PARTICIPAÇÃO NO PLANEJAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS A CONSERVAÇÃO DA CAPELA



As ações educativas correspondentes às referidas etapas foram subdivididas em três fases: a primeira fase foi direcionada à comunidade como um todo com o intuito de informá-los acerca do projeto de escavação e restauro da capela; a segunda fase foi sendo desenvolvida com o objetivo de compartilhar com os moradores que participaram da equipe e que auxiliaram nas atividades de escavação algumas leituras sobre práticas pedagógicas que seriam úteis na

abordagem dos diversos públicos; a terceira fase tratou da divulgação dos resultados da escavação com o desenvolvimento de oficinas criativas, exposições e palestras.

Diversas ações como oficinas ministradas por membros da comunidade, palestras, minicursos e aulas foram desenvolvidas com a finalidade de otimizar os resultados da pesquisa.

Durante esse processo a equipe de escavação recebeu estudantes da comunidade do Gravié, Aracati-CE, os quais visitaram a área de escavação e foram orientados pela assistente de pesquisa e monitores sobre o processo de escavação, limpeza e organização do material. Sendo ainda apresentada a finalidade do trabalho que estava sendo executado na capela da Mata Fresca.



Foto- 22:
*Apresentação
do matéria a
Escolinha do
Gravié*

Fonte: Santos, 2014.

Foto- 23:
*Escolinha do
Gravié em visita
guiada a área
de escavação*



Fonte: Silva, 2014.

2.3 Criando, discutindo conceitos e aprendendo: Como posso contar minha história?

A notícia de que o povo da Mata estava “escavacando” a capela correu rápido nas comunidades vizinhas e frequentemente recebíamos visitas de moradores da região, bem como de pessoas vindas de Natal/RN e Fortaleza/CE. Estudantes de graduação e pós-graduação de diversas áreas propuseram atividades interdisciplinares que pudessem ampliar o significado que a capela teria para todo o povo que se identificava como descendentes ou “filhos” da Mata Fresca.

Percebemos que o trabalho estava repercutindo muito e que haveria a necessidade de repensar nas formas de divulgação utilizadas até então. Neste momento foi feita a semana colaborativa na qual os auxiliares e outros membros da comunidade participaram de discussões sobre a criação das oficinas pedagógicas e os efeitos de curto, médio ou longo alcance que as mesmas poderiam proporcionar. Foram feitos testes de desenho, escolha de cartilhas, material pedagógico e criação de sítios de escavação simulada.

Foto- 24:
*Planejamento
das oficinas
pedagógicas*



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 25:
*Planejamento
das oficinas
pedagógicas*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 26:
*Planejamento
das oficinas
pedagógicas*



Fonte: Santos, 2014.

Foto- 27:
*Criação dos
sítios simulados*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 28:
*Criação dos
Sítios Simulados*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 29:
*Criação dos
sítios simulados*



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 30:
*Representação
 de sítio
 arqueológico*



Fonte: Castro, 2014.

Na sequência foi a etapa prática. Fomos à escola Carlota Tavares, município de Ibicuitaba/CE, apresentar o projeto de arqueologia. O planejamento foi feito considerando uma parte expositiva com a apresentação de slides que mostraram o conceito de arqueologia, as informações obtidas através da historiografia sobre Icapuí, Aracati e a Mata Fresca e concluímos a atividade com uma oficina de criação dividida em dois momentos: desenho e corte colagem e em seguida uma esquematização de como acontece o processo de escavação de um sítio.

Foto- 31:
*Apresentação
 de slides na
 unidade escolas
 Carlota
 Tavares-
 Ibucuitaba/CE*



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 32:
Oficinas de
corte e colagem



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 33:
Oficinas de
corte e colagem



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 34:
*Oficinas de
corte e colagem*



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 35:
*Oficinas de
corte e colagem*



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 36:
*Oficinas de
desenho*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 37:
*Apresentação de
trabalhos da
oficina criativa*



Fonte: Silva, 2014.

Durante a oficina de escavação simulada os alunos puderam conhecer o desempenho e as funções de cada componente do grupo instigando a disposição para o trabalho em equipe, conforme se observa nas imagens a seguir.

Foto- 38:
*Oficina de
escavação*



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 39:
*Apresentação
de slides na
escola de
cacimba funda*



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 40:
*Apresentação
de slides na
Escola de
Cacimba Funda*



Fonte: Silva, 2014.

Foto- 41: *Luciélío
orientando a
escavação no
Sítio Simulado
durante oficina no
Povoado
Melancias*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 42: Luciélio orientando a escavação no Sítio Simulado durante oficina no Povoado Melancias



Fonte: Silva, 2014.

4. CAPÍTULO III: REDESCOBRINDO A CAPELA DA MATA FRESCA

Durante o processo de escavação percebemos um chão mais duro no segundo nível. De imediato acreditamos se tratar de um chão batido que fosse a base da capela, no entanto ao descermos a quadrícula ao lado (K3) ficou notória uma camada de piso com barro amarelo de aproximadamente 50cm que situava-se acima de uma terra solta com coloração mais escura.

A camada de chão batido é recorrente nas quadrículas que foram abertas dentro da áreas das ruínas da parede de pedra e se podia ver a dinâmica dos sepultamentos nos quais o infantil estava acima do barro batido e o adulto mais abaixo da camada. Neste caso estavam dispostos em divisões funerárias bem planejadas que buscaram organizar os mortos em uma única direção (observando o nascente).



Foto- 43:
Quadrícula
K2

Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 44:
Esqueleto
infantil na
quadrícula K2



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 45:
Esqueleto
infantil na
quadrícula K2



Fonte: Aragão, 2014.

A disposição dos esqueletos estava clara na parte externa da capela, no entanto, a parte interna surpreendeu pela quantidade de fragmentos de ossos remexidos e sem conexão anatômica, sugerindo um momento de profanação de

sepulturas intencional que, segundo relatos orais, teria ocorrido durante uma das reformas em que os personagens envolvidos estariam em busca de “tesouros” que pudessem ter sido enterrados com mortos mais abastados dentro da capela.

Foto- 46:
Vestígios da
quadrícula K4
na parte interna
da capela



Fonte: Aragão, 2014.

Foram escavadas sistematicamente e minuciosamente as oito primeiras quadrículas que seriam as que correspondem ao perímetro da ruína de pedra com o intuito de evidenciar a expansão do antigo muro, bem como entender sobre o processo construtivo escolhido-estabelecido para erguer a parede. No entanto, ao chegar ao segundo nível da quadrícula K2 (ver imagem) foi evidenciado o que seria um crânio pequeno e fragmentado. Conforme descíamos a mesma quadrícula, a escavação revelou um esqueleto infantil, completo e aparentemente *in situ* (sepultamento primário).

Foto- 47:
*Crânio de
esqueleto
infantil*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 48:
*Crânio de
esqueleto
infantil*



Fonte: Aragão, 2014.

Este fato levou a equipe a repensar as estratégias. Não as estratégias de escavação, mas as que poderiam favorecer o que vem sendo um grande enigma para os descendentes dos primeiros habitantes do Vale do Jaguaribe: a genealogia.

A capela da Mata Fresca foi por muitos anos a principal “solução cristã” para os que nasciam e eram batizados e para os que morriam em toda a região que

corresponde aos municípios limítrofes no Ceará e no Rio Grande do Norte e eram sepultados na mesma.

Todas as atividades outrora realizadas na capela setecentista dizem respeito a famílias, abastadas ou não, que foram registradas nos livros de óbito que constam nos arquivos paroquiais dos municípios vizinhos, Russas e Limoeiro-CE, que se referem aos que estariam próximos ao altar (abastados) e aos que estariam *das grades para baixo* (pobres ou não membros da elite).

O aparecimento do sepultamento na área do muro nos apresentou uma problemática nova que, a priori, nos fez refletir sobre a viabilidade deste caso no contexto do Ceará. Os bolsistas levantaram discussões sobre o quanto a sacristia é propícia para o ato, embora entendessem que o local geralmente é reservado ao pároco e aos fiéis com maior proximidade das atividades religiosas.

Mais adiante continuamos as decapagens na quadrícula K2 e na quadrícula K3, onde já havia recorrência de fragmentos de ossos dispersos por toda a superfície. Ao chegarmos ao sexto nível da quadrícula K3. Evidenciamos o que seria mais um dado importante para a pesquisa: o segundo esqueleto. Desta vez se tratava de um crânio adulto, com as suturas evidentes, mas menos salientes e mais ao sul, o extenso fêmur que foi visto no mesmo nível e totalmente evidenciado no sétimo nível estendendo-se a quadrícula L3.

Foto- 49:
Escavação da
quadrícula K3



Foto- 50:
 Disposição de
 esqueleto adulto
 na quadrícula
 K3



Fonte: Aragão, 2014.

Foto-51:
 Esqueleto
 adulto na
 quadrícula K3



Fonte: Aragão, 2014.

Foto-52:
Quadrícula K3



Fonte: Aragão, 2014.

Conforme escavamos, evidenciamos os dois esqueletos e providenciamos a coleta. Em seguida foi o momento em que a comunidade aparentou mais interesse sobre o que estava acontecendo a ponto de fazermos uma reunião com a intenção de falar sobre os sepultamentos.

Foto-53:
Reunião com a comunidade



Fonte: Freitas, 2014.

Foto-54:
*Reunião com a
comunidade*

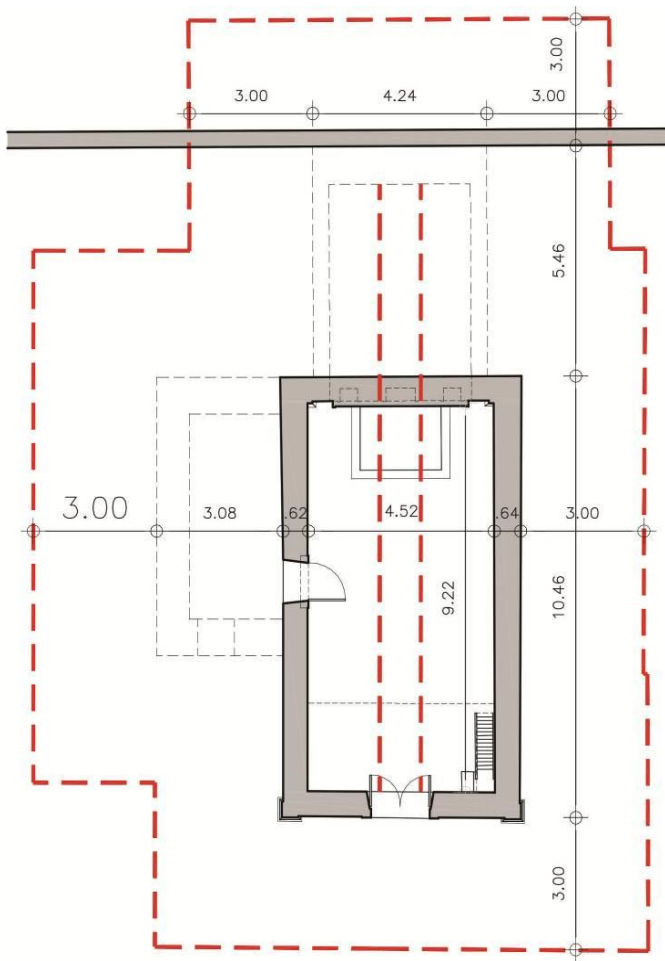


Fonte: Freitas, 2014.

Antes dos procedimentos de inventário e coleta, conversamos com a comunidade e informamos sobre a possibilidade de devolver os esqueletos após a análise. O sepultamento a posteriori foi a alternativa mais aclamada pelos membros da comunidade que cultivam as raízes da ancestralidade com os mortos ali enterrados, embora não soubessem antes que na parte externa haviam os dois sepultamentos mais complexos da pesquisa.

A seguir a representação da planta baixa da capela e a tabela de quadrículas com os níveis em que os dois esqueletos foram encontrados, quadrícula K2 e quadrícula K3:

Figura 3- Planta baixa do Planejamento preliminar de distribuição das quadrículas



LEGENDA
 Perímetro a escavar (244m²) ---
 Ruínas a evidenciar ---
 Edificação existente

S						2m
R						
Q						
P						
O						
N	40cm					
M	40cm	40cm			30cm	
L	40cm	70cm			30cm	
K	40cm	70cm				
J						
I					CAP ELA	
H						
G						
F						
E						
D						
C						
B						
A1	2	3	4	5	6	7

A repercussão da reunião foi positiva e no dia seguinte procedemos as atividades de coleta com considerável fluxo de pessoas curiosas que visitaram a área de escavação e acompanharam alguns procedimentos. O primeiro esqueleto coletado foi o infantil, denominado P1.

Na sequência, foi feita a decapagem e a evidenciação do esqueleto com o cuidado de não afetar os ossos com os instrumentos até a coleta. Aos poucos o montículo que havia sido deixado desde o terceiro nível procurando evitar a quebra do esqueleto foi sendo retirado e evidenciamos os ossos. Pudemos visualizar as vértebras, os ossos das pernas e os dentes. O esqueleto encontrava-se em conexão anatômica, orientado no sentido Norte-Sul e observando o nascente. A mão esquerda estava sobre a direita, pouco acima do cotovelo esquerdo e das costelas esquerdas.

Foto-55:
Identificação e inventário de esqueleto infantil



Fonte: Silva, 2014.

Foto-56:
Identificação e inventário de esqueleto infantil



Fonte: Freitas, 2014.

Foto-57:
Esqueleto adulto na quadrícula K3



Fonte: Freitas, 2014.

Neste momento da pesquisa os bolsistas da Mata Fresca decidiram recorrer ao que poderia ser mais revelador em relação aos nomes dos indivíduos que tiveram relação com a capela no passado. Foi feito o roteiro de visita aos arquivos paroquiais à procura dos livros de óbito e batismo da capela. E em seguida as informações obtidas eram correlacionadas com as famílias que hoje moram na região de Mata Fresca: Comunidade Tanque do Lima, Comunidade Quatro Bocas e Comunidade Mata Fresca. Em todas estas foi recorrente o sobrenome “Rebouças” e, partindo desta informação, seguimos aos estudos de genealogia para saber a origem do sobrenome e as manifestações dos mesmos nos arquivos públicos.

Foi quando surgiu o trabalho de coleta e sistematização de fontes escritas ou não escritas que tinham informações sobre a construção da capela. Considerou-se aí a importância da captação da memória que traduzia as percepções individuais e coletivas.

A memória existe quando se desencadeia o processo de internalização e organização dos estímulos captados pelas experiências. Estes estímulos são, por exemplo, os sons, gestos, ideias e imagens assimiladas ao longo da vida. Neste sentido, teríamos um sistema de organização que caracteriza o que conhecemos como passado, atribuindo as coisas ou situações um significado, constituindo também a identidade. Neste sentido, a memória se dispõe a construir uma visão coerente sobre o passado e o patrimônio cultural por meio de elementos isolados (OOSTERBEEK, 2004)

A necessidade de responder ao questionamento do possível parentesco com os mortos da capela veio do início da escavação de forma mais tímida, no entanto, após o aparecimento dos dois esqueletos maiores a demanda aumentou por iniciativa dos idosos que supunham encontrar vínculos da história oral repassada por seus avós com os dados da escavação.

Os meios usados para transmitir a memória são diversos e sua manutenção ocorre muitas vezes pela oralidade. Por isso, a Arqueologia utiliza de métodos que contemplem as fontes orais para o entendimento do amplo leque que constitui a cultura e a história de um povo, buscando entender os costumes e tradições de determinados grupos, associando-os ou não a cultura material. Este processo inclui atenção especial ao ato de observar, pois *começamos a construir o mapa do patrimônio por “ouvir” e “ouvir dizer”. Canções e histórias, ecos distantes dos ritos primitivos, são instrumentos essenciais na construção da componente social da*

nossa identidade (OOSTERBEEK, 2004.p.6)

Foi assim que, conversando com dona Terezinha, idosa que antes lecionava nas escolas da região e responsável pela alfabetização da maioria das pessoas que moram na Mata Fresca, ouvimos a sugestão de entrevistar o senhor Sérgio, um antigo pedreiro que participou da última reforma da capela em 1964 e que poderia deter muitas informações sobre o processo construtivo e sobre as intervenções que foram feitas por último no sítio.

Na manhã do dia seguinte seguimos para a casa do senhor Sérgio que ficava próxima à capela, mas fora do campo de visão da área de escavação. Manoel Freitas, o historiador, perguntou sobre a disponibilidade do homem para ceder a entrevista e tivemos uma resposta positiva, porém com algumas ressalvas. A entrevista teria que ser à tarde, depois do almoço, um horário em que ele estivesse mais descansado e com as atividades domésticas em dia. Havia naquele tom de negociação entre nós e seu Sérgio algo quase ritualístico, nas entrelinhas percebemos um preparo não apenas físico, mas psicológico. O senhor Sérgio, embora morasse perto da capela, não a frequentava por motivos de idade, ele se dizia muito velho para o trajeto de sua casa até a capela.

Neste mesmo dia o buscamos e levamos para a área de escavação. Ao entrar ele se posicionou de forma ereta e imponente diante da mesma e refletiu por alguns instantes, depois mostramos a ele as quadrículas com os esqueletos e a expressão de seu rosto parecia mais surpresa que antes.

Foram duas horas de entrevista na qual pouco falamos, o historiador e os bolsistas, por vezes intercalavam alguma pergunta intimista nos momentos de maior silêncio de Sérgio. As informações fornecidas por ele diziam respeito às atividades executadas na época da reforma e aos relatos que ouvia dos pais quando criança, sempre fazendo relação com o que estávamos evidenciando na escavação.

Foto-58:
*Entrevistando o
Senhor Sérgio*



Fonte: Silva, 2014.

Foto-59:
*Entrevistando o
Senhor Sérgio*



Fonte: Silva, 2014.

Embora o senhor Sergio fosse reservado sobre outros assuntos e aspectos da vida, ele deixou transparecer o entusiasmo e surpresa que sentiu quando soube dos sepultamentos encontrados na parte externa da capela. Segundo ele *“até onde eu ouvi falar não tinha gente enterrada aí fora não, só aqui dentro”*. Ele mesmo acredita na possibilidade dos esqueletos serem de pessoas abastadas para estarem

dispostas em área tão reservada e com distinta organização funerária.

A capela é considerada fundamental para o conhecimento da história do estado e, principalmente, o lugar onde pessoas eram sepultadas e os moradores vinculam suas crenças religiosas a materialidade. Podendo ser considerada um “lugar de memória” por ser

[...] antes de tudo, um misto de história e memória, momentos híbridos, pois não há mais como se ter somente memória, há a necessidade de identificar uma origem, um nascimento, algo que relegue a memória ao passado, fossilizando-a de novo: “O passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre. É colocando em evidência toda a extensão que dele nos separa que nossa memória confessa sua verdade como operação que, de um golpe a suprime. (ARÉVALO,1984, p.4)

Considera-se elementar para a realização deste trabalho a paisagem de forma ampla. Para isso observa-se que a capela foi erguida num ponto alto, cuja visibilidade da área permite uma análise panorâmica de tudo que ocorre na região, bem como os sons parecem ser ampliados conforme nos aproximamos da capela.

O diálogo do trabalho arqueológico com a comunidade neste aspecto influencia os atores sociais a tratarem o processo perceptual da paisagem, considerando-a como um fator importante que denuncia os critérios de escolha para a implantação da capela. O processo construtivo foi ressaltado no discurso dos bolsistas como resultado de um processo histórico específico, em específico contexto que elegeu, por valores sociais e econômicos, os sentidos de efeito e percepção conveniente para determinados grupos.

Para que fossem alcançados os resultados, foi fundamental o diálogo com os moradores da área da capela, objetivando caracterizar as percepções de patrimônio e os mecanismos que eles utilizam para assimilar o conhecimento tradicional (seus saberes e fazeres) às novas propostas que surgiram nos últimos meses por ocasião do projeto que se estabeleceu na região. A pesquisa sugere que os resultados provenientes neste processo fortalecem o sentimento de cidadania e de agentes participativos na construção do conhecimento, bem como para os arqueólogos haverá o fortalecimento e a ampliação de suas funções sociais.

O que há de peculiar não se resume à questão física, mas ao resultado que ela ocasionou: a área correspondente à antiga capela representa o passado longínquo, muito distinto da realidade do presente.

Este ponto merece ser investigado com atenção por se tratar da organização espacial e social algo que define os aparentes limites do "pertencer ou não" ao lugar, do "apropriar-se ou não" daquele bem.

Com o passar do tempo, os componentes deste "centro" da elite evadiram, deixaram de se importar com o bem em questão; ficaram as ruínas e é no silêncio delas que as comunidades atuam e dão um novo significado à cultura material. O objetivo não é simular uma relação das comunidades atuais com os antepassados, mas desmistificar a necessidade do distanciamento. Se há um interesse evidente no processo histórico e de sepultamentos, mas os questionamentos não são feitos por receio, é papel do arqueólogo colaborar para minimizar a "timidez" e os efeitos que ela causa para o distanciamento dos públicos com a arqueologia.

A participação dos moradores na escavação proporcionou uma abrangência na divulgação da pesquisa, mas principalmente favoreceu a obtenção de suporte investigativo, considerando que sempre que a equipe entrava em contato com um novo segmento da sociedade, recebia informações sobre personagens que poderiam ser entrevistados, bem como notícias sobre os documentos dos arquivos paroquiais da região.

Os públicos alvos foram sendo ampliados à medida que a demanda partia de moradores de outras comunidades, professores, gestores públicos, etc.

Foto- 60:
*Divulgação da
pesquisa na
Rádio
Educativa de
Icapuí*



Fonte: Freitas, 2014.

Foto- 61:
*Divulgação da
pesquisa na
Rádio
Educativa de
Icapuí*



Fonte: Aragão, 2014.

Foto- 62:
*Divulgação da
pesquisa na
Rádio
Educativa de
Icapuí*



Fonte: Silva, 2014.

Com o intuito de compreender a proporção de pessoas que tem relação com as práticas religiosas da capela e graus de parentesco comprovados, foram aplicados questionários e feitas entrevistas estruturadas e semiestruturadas que continham questões relacionadas a sobrenomes de parentes próximos e distantes. Ao todo, foram trinta entrevistados, considerando que cada grupo de cinco pessoas

correspondia a critérios pré-definidos que tentaram colher informações de grupos distintos. Por esta lógica, foram seis grupos classificados da seguinte forma:

Faixa Etária

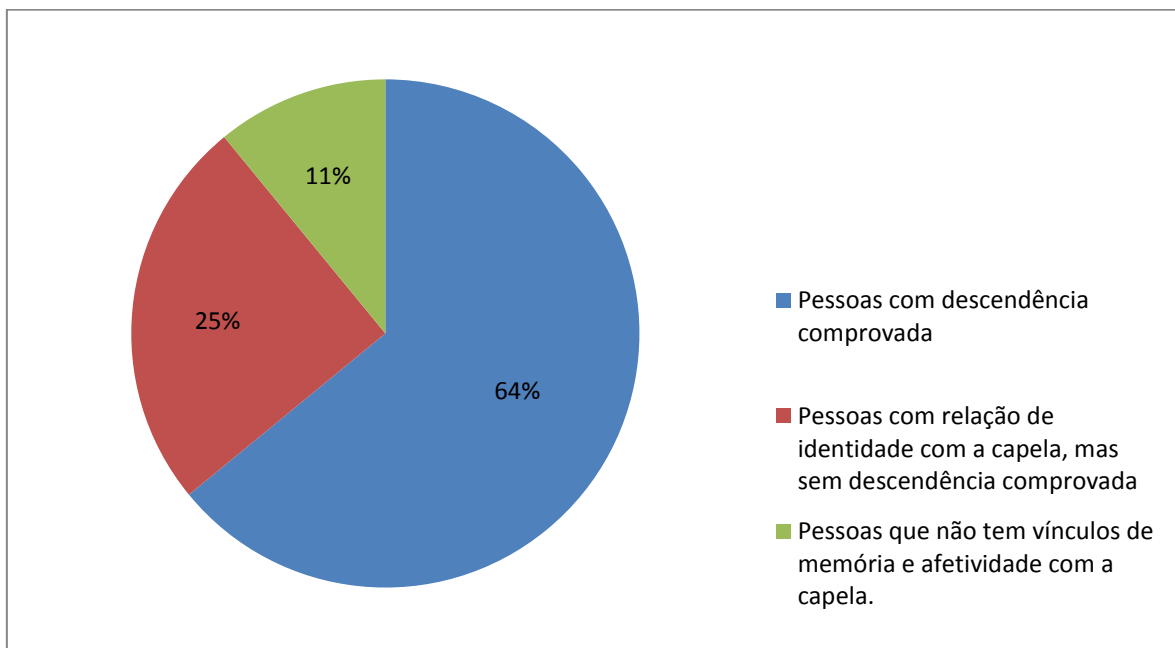
- Adolescentes (cinco pessoas);
- Adultos (cinco pessoas);
- Idosos (cinco pessoas).

Ocupação

- Trabalhadores Rurais autônomos ou donas de casa (cinco pessoas);
- Professores (cinco pessoas);
- Estudantes do ensino médio (cinco pessoas).

Na sequência, foram analisadas as entrevistas que denunciaram alto grau de recorrência de alguns sobrenomes e compatibilidade na árvore genealógica, onde as raízes familiares se cruzavam.

Os entrevistados foram novamente ouvidos e no fim sustentavam as informações dos questionários confirmando o parentesco das famílias. O fato chama a atenção por corresponder à afirmação do historiador Freitas Filho que participou da escavação e acredita na ascendência familiar de todo o povo que vive nos municípios limítrofes a Mata Fresca como vinda de um ponto comum “*se fizerem exame de DNA, todos somos parentes*”. E não é à toa. Como dito anteriormente, os registros nos livros de óbito de batismo corroboram a hipótese de, no máximo, três núcleos familiares dos quais se desenvolveram as outras famílias.



Neste sentido, compreendemos melhor o motivo que fez com que, mesmo os que não tivessem relações religiosas com a capela atribuíssem à mesma um sentimento de memória incontestável.

A participação dos moradores da comunidade na escavação mediou a maioria dos contatos para as entrevistas e foi a maneira mais acessível para atingir instituições, prefeituras e escolas. Foram os “*filhos da Mata*” que aprofundaram o sentido da investigação e reiteraram a hipótese acima.

O segundo passo consistirá no término da pesquisa referente aos livros de batismo e óbito contidos nos arquivos paroquiais que poderão auxiliar na criação de um banco de dados virtual que possibilite os visitantes do memorial da Capela da Mata Fresca digitar o sobrenome e associá-lo aos registros contidos no mesmo.

Esta ideia é fruto das reuniões que foram feitas na etapa de campo nas quais eram expostas demandas e sugestões que tornassem mais interativos os resultados da pesquisa.

Mesmo os que declaram não ter vínculo afetivo com a capela contribuíram nas etapas de divulgação dos resultados obtidos e colaboraram para a estruturação dos planos de ação e divulgação científica que foram desenvolvidos nos últimos meses da escavação na Capela da Mata Fresca.

Sobre as ações que pretenderam socializar a pesquisa, foram contempladas três principais faixas etárias: crianças, jovens e idosos; e com relação aos públicos mais envolvidos: moradores da comunidade e público escolar.

Os grupos acima mencionados passaram a interagir intensamente contribuindo para a pesquisa nos aspectos da socialização das informações adquiridas e divulgação das mesmas em universidades, a exemplo dos estudantes do curso de Agronomia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido- UFERSA, localizada em Mossoró, estado do Rio Grande do Norte, que voluntariamente se dispuseram a realizar análises de solo de amostras do perímetro da capela. Edas esferas de gestão pública como secretarias de educação e prefeitura.



Sendo assim, considera-se que as ações devem ser continuadas para que a efetivação das políticas de conservação sejam eficazes após a etapa de restauro com o apoio das prefeituras e do governo do estado do Ceará.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação de pesquisas, sejam elas relacionadas ao âmbito acadêmico ou iniciativas de trabalhos de contrato, com comunidades, escolas e administradores públicos pode resultar no objetivo maior de ambas: a construção do conhecimento. O conhecimento nesse caso passaria a ser simultâneo e a apropriação do mesmo seria facilmente assimilada, considerando que a participação dos públicos no processo favorece a internalização e, conseqüentemente, seriam tomadas medidas de conservação de sítios arqueológicos.

Isso leva a reflexão não apenas sobre o papel social do arqueólogo enquanto cidadão, mas o quanto o apoio e financiamento público aos projetos de Arqueologia tendem ao alcance do objetivo acima exposto.

Neste sentido seria primordial perceber que, embora as políticas preservacionistas ou de conservação de sítios arqueológicos sejam eficazes, não contemplam o universo existente entre o material e os sujeitos que se relacionam de alguma forma com eles, antes de tudo, por estarmos tratando de memória e esta conta com diversos elementos constituintes que Pollak classificou da seguinte forma:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1989 p.201)

A pesquisa aqui apresentada é parte de uma iniciativa mais ampla e de interesse coletivo que dispõe de viabilidade para seu acontecimento: A criação do Memorial da Mata Fresca. Todo o material coletado, limpo, numerado e analisado será parte do acervo que permanecerá na comunidade e que tem sido esperado por seus integrantes mais velhos com bastante ansiedade.

A documentação produzida em pesquisas paralelas, como a ida aos arquivos públicos, entrevistas e cursos deve servir aos propósitos de sustentar o banco de dados com informações sobre a história do Vale do Jaguaribe e da capela, como também informações sobre os conceitos de Arqueologia e o processo de escavação do sítio. A intenção é que essas informações possam ser livremente acessadas e

difundidas.

Neste estudo não houve a pretensão de revolucionar o fazer arqueológico, pois existe o reconhecimento de que existem inúmeras vias de acesso para se chegar ao que se pretende nas pesquisas. Também não foi intenção protagonista (re)contar de forma fiel a História ou Estórias inerentes a cultura deste povo, por entendermos que o conceito de realidade é múltipla.

Aqui apenas foram expostas reflexões e etapas da **tentativa** de construir com a comunidade da Mata Fresca um processo colaborativo que, independente do resultado, pudesse constar como algo interessante na vida das pessoas direta ou indiretamente envolvidas neste processo e minimizar o distanciamento entre academia e sociedade. Distanciamento imposto por uma tendência pouco questionada por nós, humanos moldados socialmente, em divergir, sem perceber que, como dito por Milton Santos, “*a força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une*”.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Escrita Como Remédio: erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX. In **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008, p.482-493.

_____. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito de conhecimento no Ocidente contemporâneo. Trajetos. **Revista de História UFC**, Fortaleza, v.3, n.6, p.43-66, abr.2005.

ALCÂNTARA, Aureli Alves. **Paulo Duarte entre sítios e trincheiras em defesa de sua dama – a Pré-História**. São Paulo: MAE/USP, 2007. (Dissertação de mestrado)

ARAÚJO. Pe. Pedro de Alcântara. **Capital e santuário**: miragens russas nordestinas. Imprensa Oficial do Ceará. Fortaleza, Ceará. 1986.

ARAGÃO, R. Batista. **Índios do Ceará & topônimos indígenas**. 2ª. Edição. Fortaleza, Ceará. 1994.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à Filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

ARÉVALO, Marcia Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto**. Universidade Federal de Ouro Preto.

ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaio de sociologia do trabalho. 2. Ed. Londrina: Práxis, 2007.

BARBOSA, Ruy. **Questão de Limites entre o Ceará e o Rio Grande do norte**: Razões Finais. Rio de Janeiro. 1904.

BARROSO, Francisco de Andrade. **Igrejas do Ceará**: crônicas históricodescritivas. 2º. Volume. Fortaleza, Ceará. 1999.

BARRETO, Euder Arrais et. al (org.). **Patrimônio cultural e Educação**: Artigos e resultados. Goiânia, 2008.132p.

BARRETO, Margarida. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2000.

BASTOS, R. L.; FUNARI, P. P. A. **“Public Archaeology and Management of the Brazilian Archaeological-Cultural Heritage”**. Handbook of South American Archaeology. Silverman, Helaine e Isbell, William H. (orgs). New York: Springer, 2008. 1127-1133.

BAUDRILLARD. **O Sistema dos Objetos**. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BESSEGATTO, Maurí Luiz. **Por aí e aqui**: o patrimônio no cenário educativo. Santa Maria: UFSM/LEPA, 2005. 184p.

_____. **O patrimônio em sala de aula**: fragmentos de ações educativas. Porto Alegre: Evangraf, 2004.

BEZERRA, Wilson. **Nas pegadas do tempo**. Coleção Mossoroense, Vol. 1214, Série “C”. Mossoró, RN. 2001.

BEZERRA, Marcia. **“As moedas dos índios”**: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 57-70, jan.-abr. 20

BRANDÃO, Mateus Nogueira. **Memória justificativa do parecer do juiz árbitro na questão de limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte**. Typ. Escolar. Rio de Janeiro. 1902.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia**: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. (Tese de Doutorado)

BURKE, Peter (org). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CALDART, R, S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CARDOSO JUNIOR, Helio Rebelo. **Enredos de Clio, Pensar e Escrever a História com Paul Veyne**. São Paulo. Ed. Unesp. 2003.

CARDOSO, CF. & BRIGNOLI, H.P. **História econômica da América Latina**. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

CARDOSO, C.F.S. **Agricultura, escravidão e capitalismo**. Rio de Janeiro. Vozes, 1982.

CARVALHO, S.M.S. **O desafio da educação patrimonial arqueológica como base para uma consciência cultural e turística**. Revista Eletrônica Aboré - Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo Manaus - Edição 05 Dez/2010.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Belo Horizonte. São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. 4ª. Edição. Fundação Guimarães Duque. Coleção Mossoroense, Série "C". Mossoró, RN. 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A Função dos Arquivos**. Separata da Revista do Arquivo Público, ano 7 a 10, n 9-12. Recife, Arquivo Público, 1952-1956

_____. **Cidade do Natal**: prólogo. A República, 04 Jan. 1949.

_____. Discurso de posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (1943). In: NAVARRO, Jurandyr. **Oradores- Rio Grande do Norte (1889-2000)**: biografia e antologia. 2. ed. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 2004.

_____. **História, escola da compreensão**. A República, Natal, 08 jul. 1943.

_____. O Documento viverá. In: **A República**. Natal, 28 de set. 1960.

CHAMPION, T.C. "Medieval archaeology and the tyranny of the historical record". In: AUSTIN, D. & ALCOCK, L. (eds). **From the Baltic to the Black Sea. Studies in Medieval Archaeology**. Londres, UnwinHyman, 1990, pp.79-95.

CHAUNNU, P. **Conquista e exploração dos novos mundos (século XVI)**. São Paulo. Pioneira, 1984.

CHIARI, Selma Ires. **O Perfil Museo-Arqueológico do Projeto Paranapanema**. São Paulo: USP, 2001. Dissertação (Mestrado em Arqueologia).

COSTA, D.M. **Os sítios históricos do Ribeirão João Leite**: Uma arqueologia do Rural. Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia, Ano 3, N.4, Julho 2012.

D'AGOSTINO, M.E. "Review". **Historical Archaeology**. 29 (1), 1995, pp. 103-104.

DA MATTA, R. "**Religion and modernity: three studies of Brazilian religiosity**". *Journal of Social History*, 25 (2), 1991, pp. 389-406.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano** / António R. Damásio ; tradução Dora Vicente, Georgina Segurado. — 3a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

DEETZ, J. "Material culture and archaeology - what's the difference". In: FERGUSON, L. (ed). **Historical Archaeology and the Importance of Material Things**. Nova Iorque, Society for Historical Archaeology, 1977, pp. 9-12.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005. MACHADO, Roberto. **Foucault, A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Ed. JZE.

DEWEY, John (1934). **Art as experience**. New York: G. Putnam's Sons.

DEWEY, John (1997). **Experience and Education**. New York: Touchstone.

DIEGUES, A. C. (Org.) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec, 2000.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas Fazendas da ribeira do Seridó**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo (incompleto)

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005, 205 p.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ESAREY, M.E. "Review of Charles E. Orser's. **Introdução à Arqueologia Histórica**, translated by Pedro Paulo Abreu Funari, Oficina de Livros, Belo Horizonte, 1992, 142 pp.". *Historical Archaeology*. 29 (2), 1995. pp. 131-132.

FERREIRA NETO, Cícitano. **Estudos de história jaguaribana**. Ed. Permus. Fortaleza, Ceará. 2003.

FERNANDES, TATIANA COSTA. **Vamos criar um sentimento? Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil**. 2008.212f. Dissertação (Mestrado)- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREITAS FIHO, Manuel de. **A aldeia do areal**: história e memória de Ibicuitaba, Icapuí, Ceará. Ed. BNB. Fortaleza, Ceará, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FUNARI, P.P.A. **Arqueologia**. São Paulo, Contexto, 2003.

Funari, P. P.; Carvalho A. V. **Palmares**: ontem e hoje Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Funari, P. P; Zarankin, A. **“Cultura material escolar: o papel da arquitetura.”** Pro-Posições, Campinas, v. 16, n. 1, p. 135-144, 2005.

FUNARI, P. P. **“Rescuing ordinary people’s culture: museums, material culture and education in Brazil”**. The presented past – Heritage, museums and education. Stone, Peter G. e Molyneaux, Brian L. Londres. Routledge, 1994:120-135.

FUNARI, P. P. A. ; DOMÍNGUEZ, L. . **La Arqueologia Urbana en América Latina**: el caso de Habana Vieja, ciudadarqueológica. Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 113-124, 2002.

FUNARI, P.P.A. ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. Editorial. **Arqueologia Pública**, 1, 2006.

FUNARI, P. P. A.; SILVA, G. J. Nota de Pesquisa sobre o Projeto de Pesquisa do Acervo de Arqueologia e Patrimônio de Paulo Duarte 06/03/2007. **História e-História**, v. 2007, p. 1-25, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia Publica no Brasil e as novas fronteiras**. Praxis Archaeologica3, p. 131-138, 2008.

FUNARI, P.P.A. **Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil**. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 41, ½, 2001, 23-

32.

FUNARI, Pedro Paulo A.; ROBRAHN-GONZALEZ, Erika M. **Ética, capitalismo e arqueologia pública no Brasil**. Scielo. São Paulo, n 2, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; Érika M. ROBRAHN-GONZÁLEZ. Ethics, Capitalism and Public Archaeology. In Brazil. **História**, v.27, n.2, p.13-30, 2008.

GARRAFFONI, R.S.; FUNARI, P.P.A.; PINTO, R. **Os estudos sobre a Antiguidade no Brasil**: as contribuições das discussões teóricas recentes, O Imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha, R. Hingley, São Paulo, Annablume/CAPES, 2009.

GARDNER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

GOLDENBERG, Miriam. **A Arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.

GORENDER, J. **O escravismo colonial**. São Paulo: Ática, 1978.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. , 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, M. "**Fish and Fisherman, archaeology and art**: Cape Town seen by Bowler, D'Oyly and De Meillon". S.-Afr. Tydeskr.Kuns-Argit-Cesk., 2 (3/4), 1991, pp. 78-88.

HALL, M. "**Small things and the mobile, confictual fusion of power, fear, and desire**". In: YENTSCH, A.E. & BEAUDRY, M.C. (eds). *The Art and Mystery of Historical Archaeology: Essays in Honor of James Dee/z*. Boca Raton. CRC Press, 1992. pp. 373-399.

HALL.M. "**Subaltern voices? Finding lhe spaces between things and words**". World Archaeological Congress 3, 1994.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

HINCLEY, R. "**A post-colonial perspective on change in Roman Britain**". World Archaeological Congress 3, 1994.

HOBSBAWN, E.J. **Vie Age of Capital**: 1848-1X75. Londres, Abacus.

HODDER, I (Ed.). **Archeological theory today**. Cambridge: Polity Press, 2009.

HOLTORF, Cornelius. **Archaeology is a brand**. Oxford: Archaeopresse, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

IPHAN. **Memória e Educação**. Rio de Janeiro, IPHAN, Paço Imperial, 2008.

JONES, S. "**Historical categories and the praxis of ethnicity**: a critique of the interpretation of ethnic groups in ancient Palestine". World Archaeological Congress 3, 1994.

JOHNSON. M. **An Archaeology of Capitalism**. Oxford: Blackwell, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1986.

LIGHTFOOT, K.G. "**Culture contact studies**: redefining the relationship between prehistoric and historical archaeology". American Antiquity. 60(2), 1995, pp. 199-217.

LITTLE, B. "**People with history**: an update on historical archaeology in the United States". Journal of Archaeological Method and Theory, 1 (1). 1994. pp. 5-40.

LOPES, M. Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no século XIX. 1. ed. São Paulo: HIUCITEC, 1997.

LÖWY. Michel. Historicismo. In: **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez editora, 2008.

LURIA, Alexander Romanov. **Desenvolvimento Cognitivo**: seus fundamentos. São Paulo: Editora Ícone, 1990.

MACHADO, Roberto. **Foucault, Filosofia e a Literatura**. Rio de Janeiro: Ed. JZE.

MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo**: 50 anos de vida intelectual, 1918-

1968.Natal: Fundação José Augusto, 1970 v.1

MEDERIOS FILHO. Olavo. **Ribeiras do Assú e Mossoró**: notas para a sua história. Fundação Guimarães Duque. Coleção Mossoroense, Série "C". Mossoró, RN. 2003.

MERRIMAN, N. "**Introduction – diversity and dissonance in public archaeology**". Public Archaeology. Nick Merriman (org): Londres. Routledge, 2004.

MILDER, S. E. S. (org). "Apresentação". **Educação patrimonial**: Perspectivas. Santa Maria (UFSM): Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, 2005.

MILLER, D. & TILLEY, C. "Editorial". **Journal of Material Culture**.I, 1996, pp.5-14.

MORAES, PINTO. **Datas e notas para a história do Apodi**. Coleção Mossoroense. Série "C". Mossoró, RN. 2001.

MOTTA, Manoel Barros. **Ditos e Escritos** vol. IV. Forense Universitária, 2001. Rio de Janeiro. P,95.

NETTO, J. P; BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2007.

NOBRE, Geraldo da Silva. **História eclesiástica do Ceará**: primeira parte. Fortaleza, Ceará. 1980.

NORA, Pierre. **Entre memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, PUC/SP, nº 10, 1993.

NOVAIS. F. "**Sistema colonial, industrialização e etapas de desenvolvimento**". Estudos Históricos, 9, 1970, pp. 27-37.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

OOSTERBEEK, Luiz. **Arqueologia Pré-Histórica**: entre a cultura material e o patrimônio intangível. Arkeos: perspectiva em diálogo.v.15,2004.p.4.

ORSER, C. E. **Historical Archaeology** (2nd ed.), Upper Saddle River, NJ: Pearson, 2004.

ORSER, CE. **'Toward a global historical archaeology: an example from Brazil'**. *Historical Archaeology*, 28 (1), pp. 5-22.

ORSER, CE. **The Material Basis of the Post Betlum Tenant Plantation. Historical Archaeotgy in the South Carolina Piedmont**. Athens, University of Georgia Press, 1988.

ORSER, CE. & FAGAN.B.M. **Historical Archaeology**. Nova Iorque, HarperCollins. 1995.

ORSER.CE. **A Historical Archaeology of the Modern World**. Nova Iorque, Plenum Press. 1996.

ORSER, CE. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1992.

PIÑON, A. C.; Funari, P.P. **"Telling Children about the Past in Brasil"**. *Telling Children about the Past: an Interdisciplinary Perspective*. Galanidou and L. H. Dommasnes (eds.): Ann Arbor: International Monographs in Prehistory, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

PRADO. C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo, Brasiliense, 1966.

QUARTIM DE MORAES, J. **L'anti-impérialismeen marche**. *Nouvel Afrique-Asie*, Paris, p. 52 - 54, 01 abr. 2005.

RANGEL, I. **"A História da dualidade brasileira"**. *Revista de Economia Política*. 1(4), 1981, pp.5-34.

RANGEL, I. **"Dualidade e 'escravismo colonial' "**. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 3, 1978, pp. 79-92. RHYNE, C.S. "The complexity of cultural identity in the art of Pacific Northwest Native Americans". *World Archaeological Congress* 3, 1994.

REIS, José Carlos. **A História entre a filosofia e a ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RENFREW, Colin e BAHN, Paul. **Arqueología: teorías, métodos y práctica**. 2ª ed. Madrid, Akal, 1998.

ROWLANDS, M. "**Black identity and a sense of the past in Brazilian national culture**". World Archaeological Congress 3, 1994.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **O retorno do território**. IN: Debates: Território e movimentos sociais. Ano VI nº 16 Enero-abril, 2005.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2008.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Re-Constructing Archaeology**. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

SINGLETON, T. A. "**The archaeology of the plantation South: a review of approaches and goals**". Historical Archaeology. 24(4). 1990. pp. 70-77.

SINGLETON, T.A. "**The archaeology of slave life**". In: CAMPBELL, D.C (ed.). Before Freedom Came. Richmond. Museum of Confederacy, 1991, pp. 155-175.

SILVA, Abrahão Sanderson Nunes da. **Musealização da Arqueologia: diagnóstico do patrimônio arqueológico em museus potiguaras**. São Paulo: MAE/USP, 2008. (Dissertação de mestrado)

SOARES, F. C. "Experiências educativas". **Educação patrimonial: Perspectivas**. Milder, S. E. S. (org). Santa Maria (UFSM): Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, 2005.

SOUZA, Francisco Fausto de. **História de Mossoró**. 3ª. Edição. Fundação Guimarães Duque. Coleção Mossoroense, Série "C". Mossoró, RN. 2001.

SOUZA, Renilfran Cardoso. "**Guia Básico de Educação**": Referência nos arquivos digitais. VI Colóquio Internacional: "Educação e contemporaneidade". São Cristóvão-SE, 2012.

TAMANINI, Elizabete. "**O museu, a Arqueologia e o público**: um olhar necessário". In: FUNARI, P. P. A.. (org.) *Cultura material e Arqueologia histórica*. Campinas: IFCHUnicamp, 1999.

TAVARES, A. "Caio Prado e a teoria da Revolução Burguesa". **Revista Civilização Brasileira**. 11/12, 1967, pp.48-80.

THÉBERGUE, Pedro. **Esboço histórico sobre a província do Ceará**. Ed. Henriqueta Galeno. Fortaleza, Ceará. 1973.

THOMAS, Henry. **As maravilhas do conhecimento humano**. ed.Globo. 1957.

TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo. Odysseus. Editora. 2004.

TRIVIÑOS, N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, I.; Sanoja, M. **Education and the political manipulation of History in Venezuela**, in R. MacKenzie & p.Stone (eds), *The Excluded Past*, London, Unwin, 1990: 50-60.

VOLKMER, M. S. "O Lúdico". **Educação patrimonial**: Perspectivas. Milder, S. E. S. (org). Santa Maria (UFSM): Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, 2005.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Documentos Gerais das Sesmarias do Ceará, I e II.

Famílias Cearenses – Banco de Dados do Genealogista e Historiador Francisco Augusto de Araújo Lima.

ANEXOS

Anexo A

Mapa das Villas e principaes Povoações do Ceará Grande com as denominações das ditas Villas, e invocação suas. Oragos das suas Igrejas Matrices, e Capellas

Feito em o primeiro de Abril de 1783.

Nome das Villas do Ceará	Orago das suas Matrices	Nome das Povoações do Ceará	Orago das suas Matrices e Capellas
1. ^a da Fortaleza Capital	N. S. do Monte do Carmo	Quissocumstone	S. Antonio Matriz
2. ^a de Aquino Cabeça de Coroa	S. Jose de Sabão	Aracajal da Cavieira Nova	S. Jose Matriz
3. ^a de Santa Cruz do Macaé	N. S. do Rosario	Taperauna	N. S. do Carmo Matriz
4. ^a de São	N. S. do Espirito Santo	Araruama	N. S. do Pilar Capella
5. ^a Real de Sobral	N. S. da Conceição	Araripe, ou Campo Grande	S. Antonio Matriz
6. ^a Real de Jaguará	S. Jose	Araripe	N. S. do Rosario Matriz
7. ^a Real de Crato	N. S. da Boa Vista	Itaíba	Santa Anna Capella
Total das Villas do Ceará	7	Amorimada	N. S. do Espirito Santo Matriz
Nome das Villas do Indio	Orago das suas Matrices	Canavel	N. S. do O Capella
1. ^a de São Paulo	N. S. do Amparo	S. Jose	S. Jose Capella
2. ^a Real de Igarapé	N. S. da Conceição	Itaíba marim	N. S. do Carmo Capella
3. ^a Real de Aracajal	Bom Jesus do Aflôrto	Itaíba	Santa Anna Capella
4. ^a Real de Alagoinha	N. S. da Conceição	S. Antonio do Anjo	S. Jose Capella na cidade
5. ^a de Montemor e novo	N. S. da Palma	Itaíba, ou Morauca	Itaíba na terra de Igarapé
Total das Villas do Indio	5	Capellas	Itaíba na terra de Igarapé
Nome das Povoações do Indio	Orago das suas Matrices	Itaíba da Orubrotama	Itaíba na terra de Igarapé
Montemor velho	N. S. da Conceição	Itaíba	N. S. do Espirito Santo Capella
Alagoinha	N. S. da Conceição	Itaíba	N. S. do Rosario Capella
Bayeux	S. Pedro	Itaíba	N. S. do Carmo Capella
Total das Povoações do Indio	5	Catinga de São	S. Anna Capella

Havia mais hũa Villa, e outras Povoações d'ella, que se achão extinta, quando chegou a esta Capitania.

N. B. Além destas Povoações do Ceará, quedão as maiores, hũa outras muitas menores, e algũa já com suas Capellas.

José Botelho de Vasconcelos de Montenegro

Anexo B

